

2016

DIESPORTE

caderno 2

DIAGNÓSTICO NACIONAL DO ESPORTE



O Perfil do Sujeito Praticante ou não de Esportes e Atividades Físicas da População Brasileira

PARTICIPAÇÃO

MINISTÉRIO DO
ESPORTE



FAPEX
FUNDAÇÃO DE APOIO À PESQUISA E À EXTENSÃO

Finep
INOVAÇÃO E PESQUISA



PARCERIA



Universidade Federal de Sergipe

Sesc 70
anos

UFRGS
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

UFG
UNIVERSIDADE
FEDERAL DE GOIÁS



UFRJ



UFAM
Desde 1909

COLETA DE DADOS

UFRJ, UFS, UFAM, UFRGS, FINEP, UFBA

CONCORRÊNCIA PÚBLICA Nº 01/13

Fundação de Apoio à Pesquisa e à Extensão – FAPEX

Instituto Visão - Visão Pesquisa de opinião e mercado LTDA

ORGANIZAÇÃO:

Ailton Fernando S de Oliveira UFS

AntonioMussino – Sapienza (Itália)

Lamartine P. DaCosta – UERJ

Randeanthy C Nascimento – UFS

Ministério do Esporte

Ministro do Esporte

Leonardo Carneiro Monteiro Picciani

Secretário Executivo

Fernando Avelino Boeschenstein Vieira

Secretário Nacional de Esporte, Educação, Lazer e Inclusão Social

Leandro Cruz Froes da Silva

Secretário Nacional de Esporte de Alto Rendimento

Luiz Eduardo Carneiro da Silva de Souza Lima

Secretaria Nacional de Futebol e Direitos do Torcedor

Gustavo Henrique Perrela Amaral Costa

Secretário Nacional da Autoridade Brasileira de Controle de Dopagem

Rogério Sampaio Cardoso

Diesporte

Comitê Gestor

Presidente

Cássia Damiani
Universidade Federal do Ceará

Membros

Ricardo Nascimento Avellar
Caixa Econômica Federal

Belmiro Freitas de salles Filho
Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq)

Edson Marcelo Húngaro
Colégio Brasileiro de Ciências
do Esporte (CBCE)

Vania Pacheco
Instituto Brasileiro de Geografia
e Estatística (IBGE)

Lívia Costa
Fundação de Apoio à Pesquisa
e à Extensão
(Fapex/BA)

Equipe executora Diesporte

Coordenadora geral

Prof.^a Dr.^a Celi Nelza Zulke Taffarel —
UFBA

Coordenador executivo

Prof. Dr. Ailton Fernando Santana de
Oliveira — UFS

Membros do comitê

Ricardo Nascimento Avellar
Caixa Econômica Federal

Belmiro Freitas de Salles Filho
Conselho Nacional de Desenvolvimento
Científico e Tecnológico (CNPq)

Coordenador região Nordeste

Prof.^a Dr.^a Elza Margarida de Mendonça
Peixoto – Universidade Federal da Bahia
(UFBA)

Coordenador região Sudeste

Prof. Dr. Leandro Nogueira Salgado Filho
— UFRJ

Coordenador região Sul

Prof. Dr. Alberto Reinaldo Reppold Filho
— UFRGS

Coordenador região Centro-Oeste

Prof. Dr. José Luiz Cerqueira Falcão —
UFG

Coordenador região Norte

Prof.^a Dr.^a Artêmis de Araújo Soares —
UFAM

**Consultor internacional para
a variável praticante**

Prof. Dr. Antonio Mussino — Sapienza Università
di Roma (Itália) — Estatístico

**Consultor nacional para
a variável praticante**

Prof. Dr. Lamartine Pereira da Costa — UERJ

**Parceiros estratégicos
Serviço Social do Comércio — SESC****SESC | SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO****Presidência do Conselho Nacional do Sesc**

Antônio Oliveira Santos

O conteúdo completo do Diagnóstico Nacional do Esporte está
disponível em **www.esporte.gov.br/diesporte**

SUMÁRIO

1. Introdução	07	3.3) Perfil dos praticantes de atividades físicas Brasil	44
1.1) O conhecimento revisado sobre Diagnósticos de esportes	09	3.3.1. Caracterização dos praticantes de atividades físicas	44
2. Aspectos metodológicos da pesquisa	12	3.3.2. O local da prática de atividades físicas	
2.1) Objetivo Geral	12	3.3.3. O investimento do brasileiro com a prática de atividades físicas	45
2.2) Objetivos Complementares	12	3.3.4. O motivo da prática de atividades físicas	46
2.3) Considerações Gerais da Metodologia e Trabalho de Campo	13	3.4) O drop out no Brasil	47
2.4) Plano Amostral	13	3.4.1. Caracterização dos sedentários e do drop out (abandono à prática)	47
2.4.1. Universo	13	3.4.2. O drop out por gênero no Brasil	49
2.4.2. Estratificação da amostra	13	3.5) Regularidade, intensidade da prática esportiva e da atividade física	50
2.4.3. Erro global máximo admitido	14	3.6) Políticas esportivas: atitudes e participação	56
2.4.4. Intervalo de confiança	14	3.6.1. Participação dos brasileiros em eventos esportivos	58
2.5) Ajustes Metodológicos para a coleta de dados	15	3.7) Determinantes da prática	58
2.5.1. O entendimento sobre o conceito de esporte	15	4.) Algumas considerações conclusivas	62
2.5.2. Definição da população a ser entrevistada	18	4.1) Praticantes como foco central da pesquisa	62
3. Exposição dos resultados	21	4.2) Praticantes de esportes e atividades físicas	63
3.1) Classificação geral da prática: praticante de esportes, praticantes de atividades físicas e sedentários	25	4.3) Caracterizando sedentários e praticantes	64
3.1.1. Análise por região do praticante	30	4.4) Escolhas de esportes por praticantes	64
3.1.2. A prática de esportes e atividades físicas no Brasil, estratificação por faixa etária	32	4.5) Organização e competições dos esportes	66
3.2) Perfil dos praticantes de esp. no Brasil	33	4.6) Custos das práticas e autonomia dos praticantes	66
3.2.1. Organização e qualificação das práticas esportivas dos brasileiros	36	4.7) Motivações dos praticantes e desmotivações dos sedentários	67
3.2.2. O Local da prática esportiva	41	4.8) Praticantes e eventos esportivos	68
3.2.3. O investimento do brasileiro com a prática de esportes	42		
3.2.3. O motivo da prática esportiva	43		

1. INTRODUÇÃO

Buscando universalizar e democratizar o acesso à prática do esporte no Brasil, o **Ministério do Esporte**, a partir de demandas das três Conferências Nacionais que trataram sobre este tema (Ministério do Esporte, 2014), promoveu uma pesquisa de múltiplas abordagens denominada Diagnóstico Nacional do Esporte – **DIESPORTE**.

A referida pesquisa foi realizada com financiamento da **FINEP** e do **Ministério do Esporte**, tendo prazo de execução de 2011 a 2014, sendo executada em rede, com apoio e participação de seis Universidades Federais de Ensino Superior, englobando todas as regiões do Brasil, sendo elas: UFRGS, UFRJ, UFG, UFAM, UFBA, UFS; tendo a UFBA como instituição executora.

Essa pesquisa teve como objetivo geral identificar o grau de desenvolvimento do esporte no Brasil, visando à obtenção de subsídios para avaliar as políticas em âmbito nacional que permitam reconhecer e potencializar as práticas esportivas como geradoras de desenvolvimento econômico e social, dentro das perspectivas atuais de inserção do esporte no âmbito da sustentabilidade, que também considera o meio ambiente como sua terceira dimensão ao se focalizar os praticantes esportivos.



A identificação e hierarquização dos problemas institucionais que compõem o **Sistema Nacional do Esporte**; a determinação de estratégias possíveis para solução dos principais problemas detectados, consolidando a Política Nacional de Esporte; e o mandamento constitucional da prática do esporte como direito social na perspectiva de um novo Sistema Nacional do Esporte constituem o propósito institucional do presente diagnóstico.

Para a concretização de tais intenções, a pesquisa **DIESPORTE** realizou investigações em quatro grandes variáveis fundamentais que dão conteúdo e forma ao atual Sistema esportivo, a saber:



A partir do conhecimento e identificação da realidade encontrada nessas quatro abrangentes e fundamentais variáveis, a equipe do **DIESPORTE** buscou identificar nexos e relações entre essas quatro variáveis que apontassem tendências correntes e indicadores de desenvolvimento para o esporte no Brasil, localizando entraves para a universalização das práticas esportivas, e apontar superações para seu desenvolvimento.

Nesse sentido, o DIESPORTE propõe o uso de metodologias e instrumentos possíveis de serem reaplicados em diferentes períodos e espaços, permitindo captar dados, bem como gerar a possibilidade de se criar futuramente uma plataforma de estatísticas básicas sobre o esporte no Brasil. Tal proposição inclui naturalmente a geração de uma cultura de estatísticas básicas que possa referenciar as políticas públicas do esporte em âmbito nacional, independente das mudanças de governo e de ideários eventuais de lideranças do esporte nacional.

Dessa forma, os pesquisadores do **DIESPORTE** propuseram uma metodologia de investigação para cada variável, cabendo ao Instituto Visão, vencedor da concorrência pública número 01/13, aplicar a metodologia desenvolvida pela equipe do **DIESPORTE/SESC**, na variável Praticante ou não do Esporte e da Atividade Física.

Nesses termos, apresentamos, a seguir, o relatório técnico científico, produzido a partir do relatório técnico final entregue pelo Instituto Visão.

1.1) O CONHECIMENTO REVISADO SOBRE DIAGNÓSTICOS DE ESPORTES

Ao analisar a tradição de estudos que objetivaram conhecer as práticas, os praticantes, a infraestrutura esportiva e o desenvolvimento esportivo no Brasil, Oliveira (2013) destaca oito estudos que foram realizados em escala nacional, a saber:

- a) **Diagnóstico da educação física e esporte no Brasil (DACOSTA, 1971)**, considerada a primeira análise abrangente sobre o esporte feito no Brasil;
 - b) **Inventário da infraestrutura desportiva brasileira**, realizado em 2.602 municípios (IBGE, 2000);
 - c) **Atlas do Esporte do Brasil** (DACOSTA, 2005);
 - d) **Perfil dos municípios brasileiros** (IBGE, 2006a);
 - e) **Pesquisa do Esporte 2003** (IBGE, 2006b);
 - f) **Dossiê Esporte** – um estudo sobre o esporte na vida do brasileiro (IPSOS MARPLAN, 2006);
 - g) **Análise Técnica de Estatística do Esporte**: perfil dos brasileiros ao praticarem lazer (KASZNAR, 2010);
 - h) **IPSOS BUS – SESC ESPORTES** (IPSOS 2013).
- Nesse contexto, Oliveira (2013) aponta adicionalmente a existência de três estudos diagnósticos em perspectiva nacional e internacional realizados em outros países, em especial na Europa:



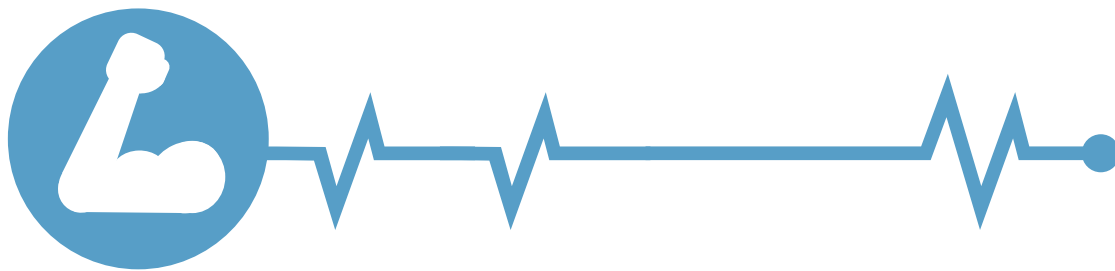
i) CompassEuropean Network – CoordinatedMonitoringofParticipation in Sports (COMPASS).

Em 1996, alguns países da Europa, iniciando com a Itália e o Reino Unido, depois envolvendo a Finlândia, Irlanda, Países Baixos, Espanha, Suécia e Portugal, realizaram um projeto que visavamonitorar a participação nos esportes de maneira coordenada entre esses países. Tal projeto abrangeu mais de 17 países e foi desenvolvido diante da necessidade de políticas públicas envolvendo a universalização das práticas esportivas.

ii) ERASS – Participation in Exercise, Recreationand Sport Survey 2009. Este estudo teve o início em 2001, sendo desenvolvido pela comissão de esportes Australiana em conjunto com agências governamentais estaduais e territoriais, responsáveis pelo esporte e recreação.

iii) SPECIAL EUROBAROMETER 334 - 412 – SportandPhysicalActivity. Este estudo foi realizado em 2009 e 2013, respectivamente, envolvendo todos os países da comunidade econômica europeia e foi encomendado pela Direção Geral da Educação e Cultura da Comissão Europeia.

A revisão dos métodos e propósitos desses diagnósticos sugeriram, em primeira instância, que os estudos nacionais citados poderiam dar indicações para o desenvolvimento do DIESPORTE, sobretudo com relação ao Diagnóstico 1971 e Atlas do Esporte 2005, por constituírem levantamentos de abrangência nacional e de abordagens múltiplas, porém requerendo complementações e aperfeiçoamentos estatísticos, como ora se pretende apresentar.



¹ GRATTON, C. et all. International comparisons of sports participation in European Countries. An-update of the COMPASS project. European Journal of Sporty & society, 99-116, 2011.

² ERASS 2009 AUSTRALIAN SPORT COMMISSION. Participation in Exercise, Recreationand Sport Survey 2009. Australia: Standing Committee on Recreation and Sport, 2010 - Inquérito da participação em exercício, recreação e esporte.

³ SPECIAL EUROBAROMETER 334 e 412 – nos aspectos do Esporte e Atividade Física.

A opção metodológica do **DIESPORTE** aproximou-se do modelo COMPASS em relação ao foco de políticas públicas governamentais típicas desta alternativa, como também pelo uso de indicadores do citado método europeu, facilitador de possíveis comparações futuras entre o Brasil e outros países. Observe-se, por necessário, que os dados iniciais sobre participantes do COMPASS tiveram continuidade por meio do **EUROBAROMETER**, permitindo comparações com os dados do DIESPORTE, pelo menos até 2013, com países europeus. Contudo, a adoção do COMPASS, com sua característica de referência básica para as demais variáveis de diagnóstico, não exclui necessariamente outros levantamentos como aqueles aqui listados anteriormente (itens “a” a “h”), os quais poderão ser reexaminados em termos de busca de explicações pontuais, historicizadas ou regionalizadas.

O uso do **COMPASS** como modelo, entretanto, refere-se a uma postura inicial do DIESPORTE, uma vez que este projeto do **Ministério do Esporte-FINEP** pretende criar condições para o estabelecimento de estatísticas básicas sobre atividades esportivas no Brasil, implicando no desdobramento do próprio DIESPORTE e no compartilhamento de dados com outras instituições nacionais relacionadas direta ou indiretamente com o esporte. Nesse sentido, cabe registrar que estatísticas básicas no Brasil são afetas ao IBGE, uma expectativa futura também considerada pelo DIESPORTE no presente estudo e posta em discussão adiante nas presentes considerações.

Isto posto, confirma-se que a base da construção de um sistema de avaliação permanente e sistemático sobre o esporte no Brasil deve dar conhecimento de qual é o nível de participação e quais são as modalidades esportivas e as atividades físicas dos seus cidadãos, residindo nesta conceituação inicial o sentido fundamental do modelo COMPASS-DIESPORTE, ora em destaque.

Como tal, na pesquisa DIESPORTE, para identificar o sujeito praticante ou o não praticante de esporte e/ou atividade física, foi realizada uma coleta amostral em nível nacional. Por meio desta, foi possível visualizar e analisar quem são os praticantes ou os não praticantes de esporte e/ou atividade física no Brasil. Ou seja: em quais condições se materializam essas práticas; em que infraestrutura as referidas práticas são realizadas, que, somadas a outras investigações realizadas também pelo DIESPORTE, permitirão ainda conhecer quais tipos de financiamentos e sob quais marcos regulatórios. Tais questões encontram seus respectivos significados nos demais documentos finais do DIESPORTE.

Portanto, conforme mencionado anteriormente, os estudos e diagnósticos sobre essa temática já realizados no Brasil foram feitos de forma indireta, com diferentes conteúdos e metodologias. Assim,, deve-se ressaltar a importância da pesquisa encampada pelo DIESPORTE, pelo uso de metodologia específica e de validade estatística. Esta opção permitiu conhecer com maior precisão quem são os praticantes de esportes e/ou atividade física e quem são os não praticantes de esportes e/ou atividade física no Brasil, acompanhando-se o modelo COMPASS, descrito a seguir.

2. ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Coube ao Instituto Visão a coleta dos dados, conforme termo de referência do processo de licitação, tendo como base a minuta elaborado pela equipe SESC – SP e adaptada pelo SESC/ DIESPORTE, como segue abaixo:

2.1) OBJETIVO GERAL

Identificar aspectos quantitativos e qualitativos referentes aos praticantes e não praticantes de esportes e atividades físicas na população brasileira, situada nas 27 Unidades da Federação.

2.2) OBJETIVOS COMPLEMENTARES

Tendo em vista a necessidade de se conhecer sistematicamente o perfil do sujeito praticante ou não de esporte e atividade física no seu tempo livre, buscou-se registrar objetivos complementares cujos resultados avaliaram os diferentes tipos de públicos em diversas regiões do país:

- **levantar os motivos** e as justificativas da prática e da não prática de esportes e atividades físicas, suas experiências anteriores e aspectos que impedem a prática;
- **verificar as modalidades esportivas** e atividades físicas praticadas, seus níveis de organização, finalidades competitivas ou não;
- **pesquisar os momentos** de práticas esportivas e atividades físicas (trabalho, transporte, estudos e principalmente no momento de lazer);
- **identificar locais de práticas**, as condições dos espaços, equipamentos e de orientação para a prática;
- **identificar as modalidades esportivas** e atividades físicas desejadas; e
- **identificar as características** da prática esportiva e de atividade física.



2.3) CONSIDERAÇÕES GERAIS DA METODOLOGIA E TRABALHO DE CAMPO

- Os serviços contratados dizem respeito, metodologicamente, à pesquisa quantitativa do tipo descritivo-conclusiva, efetuada com base em levantamento de dados de fonte primária.
- A pesquisa utilizou uma amostra probabilística estratificada, com trabalho de campo realizado por meio de entrevista pessoal face to face e da aplicação de questionário estruturado, contendo perguntas abertas e fechadas.

O universo da pesquisa foi a população de 15 a 74 anos residente em território nacional



- A amostra contou com trabalho de campo efetuado nas 27 Unidades Federativas, em diferentes municípios do país.
- A operacionalização da pesquisa contou com a participação do SESC, que contribuiu com suas experiências recentes em coleta de dados sobre praticantes de atividades físicas

2.4) PLANO AMOSTRAL

2.4.1. Universo

População de 15 a 74 anos residente em território nacional, divididas nas seguintes faixas etárias: 15–19; 20–24; 25–34; 35–44; 45–54; 55–64; 65–74.

2.4.2. Estratificação da amostra

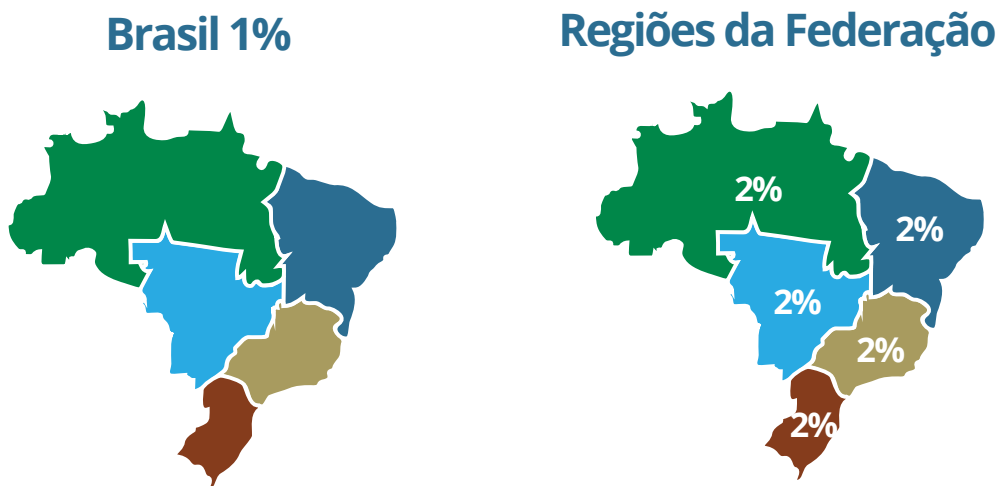
A amostra foi estratificada por gênero, idade e região geográfica. As regiões geográficas foram formadas pelas cinco regiões do país (Norte, Sul, Sudeste, Nordeste e Centro-oeste).

A Estratificação por regiões levou em consideração as proporções populacionais de cada região, nos aspectos quantitativos, de gênero e idade. Sendo obrigatória a representação de amostras em todas as 27 Unidades da Federação, em todas as capitais federativas e, em cada estado, representação da amostra em municípios de grande, médio e pequeno porte, segundo divisão do IBGE. Além disso, a amostra garantiu uma representação de municípios localizados no litoral e regiões ribeirinhas, sempre que a Unidade da Federação atender a essas características geográficas. A amostra foi representativa, com base no Censo Demográfico IBGE 2010.

2.4.3. Erro global máximo admitido

Conforme níveis geográficos descritos a seguir

MARGEM DE ERRO



2.4.4. Intervalo de confiança

Foi estabelecido em 95% para todas as amostras supracitadas.

Tendo em vista as condições expostas sobre os aspectos metodológicos que a pesquisa precisou seguir, foi elaborada a seguinte sistematização:

- a) individualização das informações que necessitamos no contexto do diagnóstico;
- b) definição dos conceitos base e das suas operacionalizações;
- c) construção do instrumento de coleta das informações (o questionário);
- d) escolha da modalidade de entrevista;
- e) individualização da estratégia amostral; e
- f) estratégia de processamento e análise dos dados

Para concretização metodológica e preparação para coleta de dados, o Instituto Visão participou de reuniões com representantes do DIESPORTE e SESC, com a finalidade de definir o questionário e os temas abordados, bem como o número de entrevistas, definições das cidades e locais pesquisados.

Assim, foi elaborado o questionário final (Anexo 1), pela equipe do DIESPORTE e do SESC - SP, que teve como base o questionário produzida por Mussino, Oliveira e Taffarel (2013), utilizando como referência o modelo COMPASS, e aplicado na cidade de Aracaju - SE, com 1.200 entrevistas, tendo seus resultados e discussão metodológica submetidos à publicação em revista científica internacional.

2.5.) AJUSTES METODOLÓGICOS PARA A COLETA DE DADOS

2.5.1. O entendimento sobre o conceito de esporte

O entendimento do conceito de esporte adotado na pesquisa partiu da orientação da equipe que associou o DIESPORTE ao SESC, a qual preliminarmente assumiu que o sujeito pesquisado manifestasse livremente uma interpretação sobre sua prática, definindo-a como esporte ou como atividade física. Essa decisão visou possibilitar que os dados coletados oferecessem uma interpretação sobre o que o brasileiro considera ser esporte ou atividade física, tendo em vista uma possível sobreposição de interesses socioculturais.



Tal encaminhamento permitiu que as diversas interpretações sobre esporte e atividade física fossem catalogadas, identificadas e selecionadas a partir do instrumento de pesquisa aplicado, sem exclusão acerca do entendimento dos respondentes sobre a temática esporte e atividade física.

O presente posicionamento foi adotado em razão da diversidade de interpretações existentes no Brasil sobre o conceito de esporte e atividade física entre pesquisadores e, em especial, em instituições como IBGE, COB, Ministério do Esporte, SESC, SESI, entre outros, cabendo então ao DIESPORTE optar por um conceito mais representativo sobre o esporte, de validade compatível com a diversidade da prática esportiva.

⁴ Sport means all forms of physical activity which, through casual or organised participation, aim at expressing or improving physical fitness and mental well-being, forming social relationships or obtaining results in competitions at all levels" (European Sport Charter, 1992).

A Estratificação por regiões levou em consideração as proporções populacionais de cada região, nos aspectos quantitativos, de gênero e idade. Sendo obrigatória a representação de amostras em todas as 27 Unidades da Federação, em todas as capitais federativas e, em cada estado, representação da amostra em municípios de grande, médio e pequeno porte, segundo divisão do IBGE. Além disso, a amostra garantiu uma representação de municípios localizados no litoral e regiões ribeirinhas, sempre que a Unidade da Federação atender a essas características geográficas. A amostra foi representativa, com base no Censo Demográfico IBGE 2010.

Em síntese, a definição do Conselho da Europa permitiu entender o sujeito como “praticante” de pelo menos um esporte ou uma atividade física, com finalidades lúdicas ou competitivas, conforme explica Oliveira (2013) na descrição seguinte:

[...] reconhecido como promotor da saúde, da educação e da formação humana, transcende as especificações das atividades formais, regulamentadas e reconhecidas através de suas competições oficiais, inserindo-se na multiplicidade das ações, seja no jogo informal dos finais de semana, na ginástica das academias, nas caminhadas ecológicas, na dança de salão da terceira idade, ou nas brincadeiras nas praças públicas, manifestando-se na escola, nos clubes, nas academias, nas ruas e em qualquer ambiente da sociedade, sem restrições etárias, sociais ou de deficiência, seja física, sensorial ou intelectual. Pode ocorrer formalmente, como transmissão de conhecimentos sistematizados e regras pré-definidas, ou ainda, informalmente, como bem cultural e prazer de quem o pratica (OLIVEIRA, 2013. p. 25).

⁵ Na base destes componentes os níveis de prática são: 1- competitivo, organizado e regular; 2- regular; 3- quase regular, competitivo e/ou organizado; 4- quase regular, recreativo; 5- irregular; 6- ocasional; 7- não prática.

⁶ Face To Face - Entrevistas realizadas pessoalmente junto ao entrevistado. Estas entrevistas, dependendo do objetivo da pesquisa, podem ser realizadas no domicílio, no local de trabalho, emand mental well-being, forming social relationship sorobtainingresults in competitionsatalllevels” (European Sport Charter, 1992).

O modelo COMPASS, que serve de base à conceituação formulada pelo DIESPORTE, apresenta sete níveis de participação em atividades esportivas e/ou físicas, por meio de um modelo geral de classificação baseado sobre três componentes da mesma participação:

QUANTIDADE

**Quanto esporte
você pratica?**

QUALIDADE

**Em que nível
você pratica?**

ORGANIZAÇÃO

**Afiliado a um clube,
uma associação?**

Esses componentes são considerados como variáveis latentes, que são medidas por intermédio de um conjunto de indicadores (inseridos no questionário da pesquisa), que podem ser diferentes em comparação entre países, baseando-se sobre as diferentes tradições e culturas regionais, bem como à organização diferenciada do sistema esportivo em cada país. Em termos teóricos, essa interpretação metodológica seguiu a proposição de Chalip, Johnson e Starchura (1996) nas análises internacionais de políticas do esporte, que desaconselham comparações generalistas entre países, um procedimento que não inclui indicadores com base estatística similar ao COMPASS.

No questionário, foram também recolhidas informações sobre variáveis estruturais, como gênero, idade, região, estado, etnia, escolaridade, atuação profissional, renda, estado civil, tamanho da família, religião etc. Tais vieses explicativos atuaram a partir da determinação dos níveis de prática esportiva e de atividade física no Brasil. Como tal, a associação DIESPORTE/ SESC entendeu que seria adequado adicionar ao modelo COMPASS perguntas que pudessem possibilitar eventuais explicações de ordem cultural dos praticantes. A justificativa teórica liga-se a Moscovici (1995, p. 179) ao atentar para o fato de que “o esporte, como acontecimento cultural, tanto do ponto de vista antropológico como ético ou axiológico, afirma-se primeiramente pelas visões de mundo que vincula”. Tais visões de mundo acabam por construir a realidade, pois é causativa e não apenas representa a expressão da realidade.

As amostras, por razão dos custos, foram reduzidas, porém, foram garantidas as estimativas com baixo nível de erro (máximo de 2% e com intervalo de confiança de 95%) em referência às regiões pesquisadas.

Para as entrevistas aplicou-se o método face to face, que é a estratégia fidedigna para esse tipo de pesquisa e também a que acarreta mais custos. A pesquisa buscou informação relativa ao ano de 2013 (obtendo-se dados dos últimos 12 meses).

2.5.2 . Definição da população a ser entrevistada

Após a definição do plano amostral e da investigação em campo – e dentro das dificuldades encontradas para aplicação dos questionários, em decorrência de vários fatores, como locais de difícil acesso, regiões que sofreram enchentes, perigos de acessibilidades –, a população amostral dispôs-se pela estratificação descrita a seguir.

Após a definição do plano amostral e da investigação em campo – e dentro das dificuldades encontradas para aplicação dos questionários, em decorrência de vários fatores, como locais de difícil acesso, regiões que sofreram enchentes, perigos de acessibilidades –, a população amostral dispôs-se pela estratificação descrita a seguir.

REGIÕES	ENTREVISTAS FEITAS	% amostra	REGIÕES	% população
Norte	1.634	18,4	11.471.000	7,8
Sul	1.990	22,3	21.654.000	14,8
Sudeste	1.994	22,4	63.283.000	43,1
Nordeste	1.989	22,4	39.287.000	26,8
Centro-Oeste	1.295	14,5	11.053.000	7,5

Tabela 1 – Distribuição das entrevistas e da população brasileira por regiões

Assim, apresentamos na **Tabela 1** a distribuição de frequência das entrevistas e da população por região com intervalo de idade de 15 a 74 anos, para o ano de 2013.

Nas análises mais avançadas e com mais que duas variáveis, as unidades não foram ponderadas para evitar distorções resultantes da composição da amostra.

Foram 8.902 entrevistas em todo o Brasil.



Ainda apresentamos de forma complementar, na **Tabela 2**, o plano amostral por região e estado e, na **Tabela 3**, a distribuição da amostra por regiões em relação à idade e gênero.

PLANO AMOSTRAL POR REGIÃO			
	Estado	Entrevistas	Total
Norte	Acre	84	1.634
	Amapá	85	
	Amazonas	303	
	Pará	436	
	Rondônia	229	
	Roraima	174	
	Tocantins	323	
Sudeste	Espírito Santo	166	1.994
	Minas Gerais	498	
	Rio de Janeiro	544	
	São Paulo	786	
Nordeste	Alagoas	141	1.989
	Bahia	391	
	Ceará	198	
	Maranhão	234	
	Paraíba	220	
	Pernambuco	310	
	Piauí	197	
	Rio Grande do Norte	139	
	Sergipe	159	
Centro-Oeste	Distrito Federal	174	1.295
	Goiás	543	
	Mato Grosso	253	
	Mato Grosso do Sul	325	
Sul	Paraná	592	1.990
	Rio Grande do Sul	781	
	Santa Catarina	617	

Tabela 2 – Plano amostral por região (entrevistas por estado)

Observação: A amostragem é significativa por região e não por estado.

REGIÕES				
	Faixa Etária	Masculino	Feminino	Total
Norte	15-19	154	132	286
	20-24	120	128	248
	25-34	196	180	376
	35-44	125	128	253
	45-54	101	103	204
	55-64	81	81	162
	65-74	53	52	105
	Total	830	804	1634
Sul	15-19	125	106	231
	20-24	106	113	219
	25-34	220	220	440
	35-44	181	174	355
	45-54	167	178	345
	55-64	131	125	256
	65-74	68	73	141
	Total	998	989	1987
Sudeste	15-19	127	108	235
	20-24	119	124	243
	25-34	213	205	418
	35-44	165	193	358
	45-54	163	165	328
	55-64	113	130	243
	65-74	77	92	169
	Total	977	1017	1994
Nordeste	15-19	144	156	300
	20-24	143	141	284
	25-34	264	246	510
	35-44	137	177	314
	45-54	120	148	268
	55-64	80	93	173
	65-74	66	77	143
	Total	954	1038	1992
Centro-Oeste	15-19	104	96	200
	20-24	90	120	210
	25-34	127	139	266
	35-44	104	106	210
	45-54	70	88	158
	55-64	73	78	151
	65-74	51	49	100
	Total	619	676	1295
Brasil	15-19	654	598	1252
	20-24	578	626	1204
	25-34	1020	990	2010
	35-44	712	778	1490
	45-54	621	682	1303
	55-64	478	507	985
	65-74	315	343	658
	Total	4378	4524	8902

Tabela 3 – Distribuição da amostra por regiões, faixa etária e gênero

3. EXPOSIÇÃO DOS RESULTADOS

A pesquisa visou à coleta de informações sobre práticas esportivas e atividades físicas relativas ao ano de 2013. Seus resultados são apresentados à frente, seguindo a lógica sequencial das perguntas do questionário aplicado.

Identificação do entrevistado: região, estado, cidade, sexo e idade.

Quando você pensa em esporte, qual é a primeira imagem que lhe vem à mente?



Após o preenchimento do cadastro, a entrevista se iniciou com duas questões de respostas abertas, para introduzir o tema da pesquisa.

Essa questão foi respondida por todos os entrevistados, independentemente de eles praticarem ou não esporte e atividade física.

Conforme observado no **Gráfico 1**, para a maioria dos brasileiros o Futebol (53%), é representado com primeira imagem de esporte. As demais modalidades esportivas tradicionais citadas obtiveram um percentual de 14%, destacando-se dentro desse percentual o Voleibol com 5,8%.

Observa-se que 33% dos brasileiros também citaram atividades físicas (movimento, lazer, academia, exercício físico, ginástica etc.) como representação da imagem de esporte.

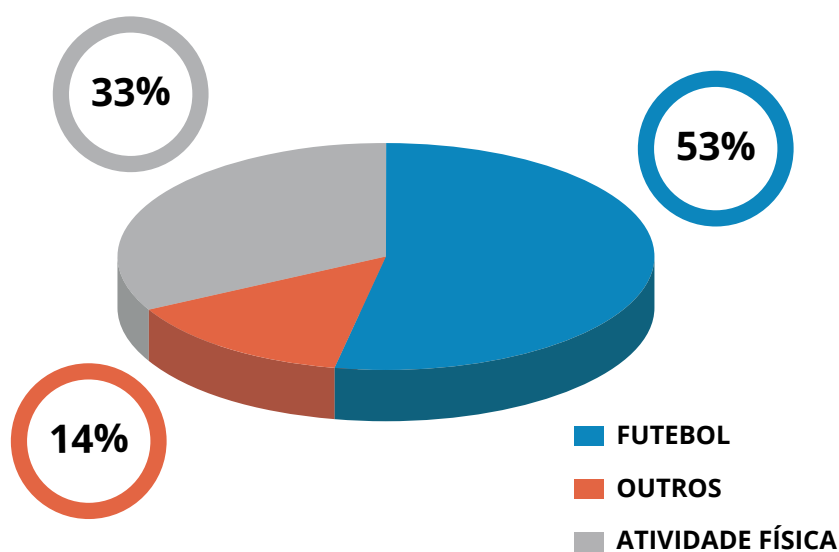


Gráfico 1 – Imaginário do esporte
Identificação do entrevistado: região, estado, cidade, sexo e idade.

ESPORTES	MASCULINO	FEMININO	TOTAL
Futebol	60,5%	36,4%	48,3%
Skate	0,6%	0,2%	0,4%
Movimento	1,0%	1,1%	1,1%
Saúde	11,1%	14,9%	13,0%
Corrida	1,1%	1,6%	1,3%
Handebol	0,4%	0,7%	0,5%
Jiu-Jitsu	0,2%	0,0%	0,1%
Praia	0,1%	0,1%	0,1%
Lazer	3,0%	2,5%	2,7%
Surf	0,2%	0,1%	0,1%
Cultura	0,2%	0,1%	0,1%
Voleibol	1,2%	9,1%	5,2%
Academia	0,6%	2,5%	1,5%
Vida Fácil	0,3%	0,1%	0,2%
Brasil	0,1%	0,2%	0,1%
Preguiça	0,3%	0,8%	0,6%
Natação	1,0%	3,6%	2,3%
Basquetebol	0,7%	0,9%	0,8%
Luta	1,2%	0,5%	0,9%
Esporte	1,6%	1,6%	1,6%
Ciclismo	0,9%	0,6%	0,7%
Atividade Física	2,3%	2,1%	2,2%
Exercício Físico	1,4%	1,7%	1,6%
Ginástica	0,4%	2,1%	1,3%
Capoeira	0,4%	0,1%	0,2%
Pescar	0,1%	0,0%	0,1%
Alegria	0,4%	0,7%	0,5%
Vida	0,3%	0,6%	0,5%
Seleção Brasileira	0,2%	0,4%	0,3%
Bem estar	1,2%	1,2%	1,2%
Cavalgar	0,1%	0,0%	0,0%
Caminhada	0,2%	0,7%	0,5%
Patinação	0,0%	0,0%	0,0%
Boa Forma	0,1%	0,2%	0,2%
Qualidade de vida	0,5%	0,9%	0,7%
Escalada	0,0%	-	0,0%
Escola	-	0,0%	0,0%
Dança	0,0%	0,1%	0,1%
Educação Física	-	0,0%	0,0%
Andar de Moto	-	0,0%	0,0%
Nenhuma	6,0%	11,6%	8,8%
Total	100,0%	100,0%	100,0%

A opção da imagem do futebol como esporte é dominante também entre as mulheres (36,5%), porém, elas apresentam maior diversidade no imaginário esportivo que os homens, conforme **Tabela 4**.

Pode-se apontar algumas possíveis explicações para esses resultados, como por exemplo a exposição midiática desse esporte, somado ao fato que o período de captação dos dados foi próximo à Copa do Mundo de futebol realizada no Brasil, durante o qual a massificação da informação sobre o evento estava presente diariamente no cotidiano do brasileiro de todos os estratos sociais. Também pode-se observar na Tabela 4 outros resultados citados pelos entrevistados.

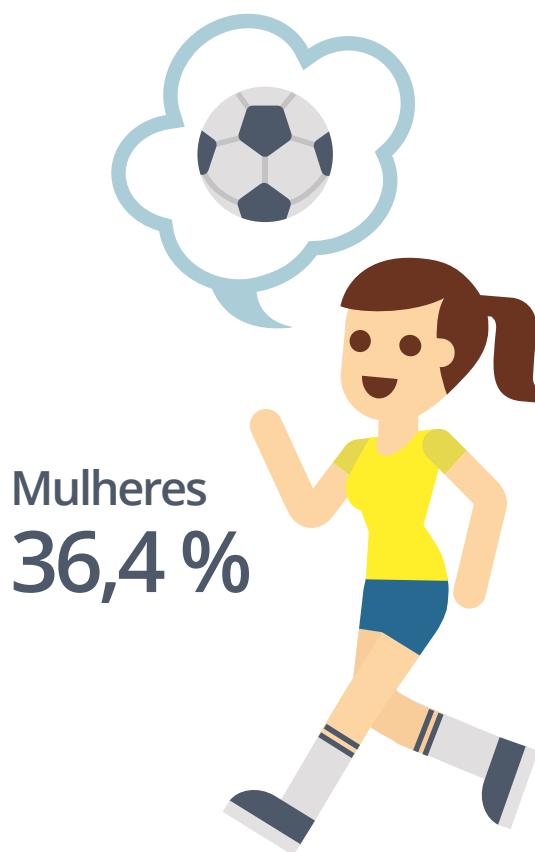


Tabela 4 – Imaginário do esporte por gênero

Diante do exposto, entende-se que o esporte para os brasileiros é representado na sua maioria pelo futebol, porém, pela natureza subjetiva das respostas coletadas, essa constatação deve ser considerada apenas como um ponto de partida para a busca de significados na presente investigação, evitando-se extrapolações, cruzamentos ou ilações sem bases objetivas. Ao passo que só 5,1% praticam na própria casa ou no condomínio.

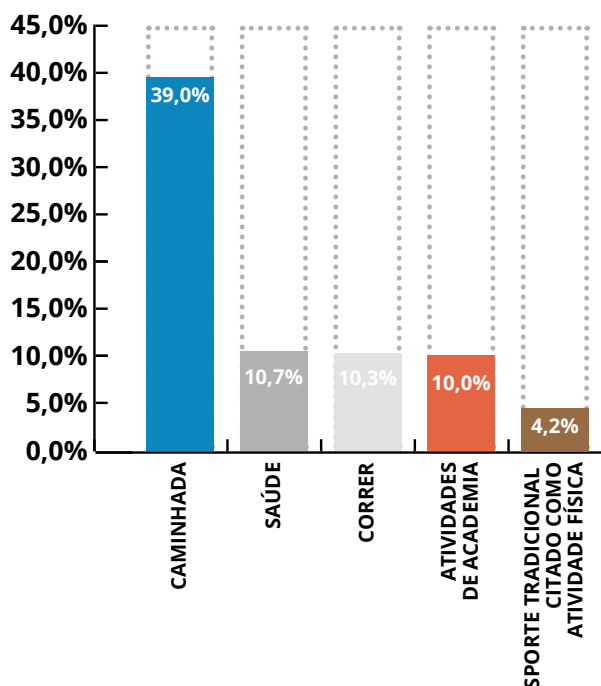
Essa questão foi respondida por todos os entrevistados, independente de se praticar ou não esporte e atividade física.

A maioria das respostas é direcionada para a caminhada (39%); seguindo pela ideia de saúde (10,7%); correr (10,3%); atividades de academia (10,0%) etc. Em que pese o fato de a pergunta referir-se a representações de atividades físicas, observa-se que 4,2% dos entrevistados citaram esportes, como imaginário da atividade física.

De modo geral, a partir dos dados expostos, é possível afirmar que a população brasileira está cada vez mais criando vínculos entre atividades físicas e saúde, o que implica uma relação direta ou indireta com a qualidade de vida.

Quando você pensa em atividade física, qual é a primeira imagem que lhe vem à mente?

Gráfico 2 – Imaginário da atividade física



Por consequência, nesse caso, repete-se uma variante das interpretações da pergunta anterior, uma vez que os dados do imaginário constituem simples pontos de partida nas análises que possam envolver dados objetivos típicos do modelo COMPASS e do EUROBAROMETER. Ou seja: as respostas do Gráfico 2 podem ser úteis na ordem cultural dos praticantes, explicando, por exemplo, razões de adesão às atividades físicas, o que se presta melhor às intervenções do SESC – parceiro do DIESPORTE neste levantamento – normalmente ligadas à mobilização do praticante e por vezes a sua conscientização.

No que concerne à institucionalização de políticas públicas – função prioritária do DIESPORTE – o fator adesão gerado pelas atividades físicas em relação aos cidadãos brasileiros serve em princípio para a legitimação dos preceitos advindos da pesquisa por parte das intervenções governamentais. Em conclusão, os esportes em suas diversas variantes e as atividades físicas em geral são bem acolhidas pelos respondentes à luz de perspectivas iniciais de melhoria de saúde e de qualidade de vida

Assim, apresentamos a **Tabela 5** com todas as atividades físicas citadas pelos entrevistados com os respectivos percentuais, reiterando que os mesmos tinham liberdade de indicar segundo o seu próprio entendimento qual seria a sua representação de atividade física.

Tabela 5 – Imaginário da atividade física por gênero

ESPORTES	MASCULINO	FEMININO	TOTAL
Futebol	60,5%	36,4%	48,3%
Skate	0,6%	0,2%	0,4%
Movimento	1,0%	1,1%	1,1%
Saúde	11,1%	14,9%	13,0%
Corrida	1,1%	1,6%	1,3%
Handebol	0,4%	0,7%	0,5%
Jiu-Jitsu	0,2%	0,0%	0,1%
Praia	0,1%	0,1%	0,1%
Lazer	3,0%	2,5%	2,7%
Surf	0,2%	0,1%	0,1%
Cultura	0,2%	0,1%	0,1%
Voleibol	1,2%	9,1%	5,2%
Academia	0,6%	2,5%	1,5%
Vida Fácil	0,3%	0,1%	0,2%
Brasil	0,1%	0,2%	0,1%
Preguiça	0,3%	0,8%	0,6%
Natação	1,0%	3,6%	2,3%
Basquetebol	0,7%	0,9%	0,8%
Luta	1,2%	0,5%	0,9%
Esporte	1,6%	1,6%	1,6%
Ciclismo	0,9%	0,6%	0,7%
Atividade Física	2,3%	2,1%	2,2%
Exercício Físico	1,4%	1,7%	1,6%
Ginástica	0,4%	2,1%	1,3%
Capoeira	0,4%	0,1%	0,2%
Pescar	0,1%	0,0%	0,1%
Alegria	0,4%	0,7%	0,5%
Vida	0,3%	0,6%	0,5%
Seleção Brasileira	0,2%	0,4%	0,3%
Bem estar	1,2%	1,2%	1,2%
Cavalgar	0,1%	0,0%	0,0%
Caminhada	0,2%	0,7%	0,5%
Patinação	0,0%	0,0%	0,0%
Boa Forma	0,1%	0,2%	0,2%
Qualidade de vida	0,5%	0,9%	0,7%
Escalada	0,0%	-	0,0%
Escola	-	0,0%	0,0%
Dança	0,0%	0,1%	0,1%
Educação Física	-	0,0%	0,0%
Andar de Moto	-	0,0%	0,0%
Nenhuma	6,0%	11,6%	8,8%
Total	100,0%	100,0%	100,0%

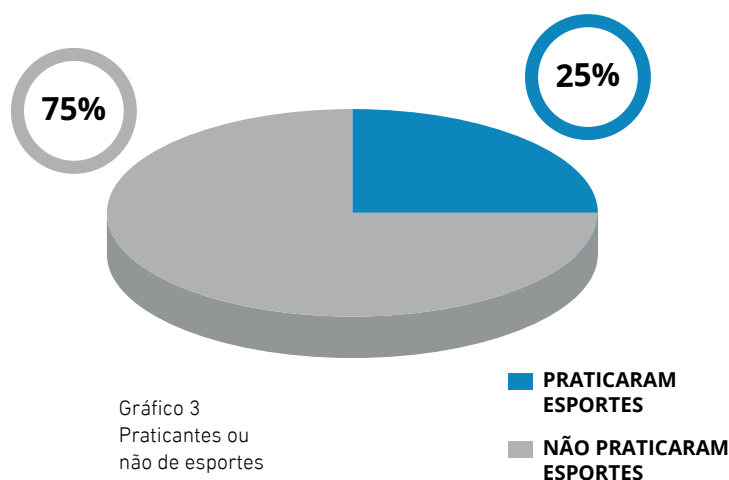
3.1) CLASSIFICAÇÃO GERAL DA PRÁTICA: PRATICANTES DE ESPORTES, PRATICANTES DE ATIVIDADES FÍSICAS E SEDENTÁRIOS

Neste bloco, apresentamos quesitos e comentários que levam a considerar a situação dos brasileiros praticantes de atividades físicas e sedentários, que foi captada por meio das perguntas que seguem. Essas perguntas são consideradas fundamentais nessa pesquisa, pois permitiram criar por desdobramento das respostas uma classificação da população brasileira em relação a suas práticas esportivas, como também de atividades físicas, constituindo um critério de separação e especificação adotado pelo modelo COMPASS.mulheres.

Em 2013, no seu tempo livre (fora do horário do seu trabalho ou escolar), você praticou algum esporte?

Essa questão foi respondida por todos os entrevistados, independentemente de praticarem ou não esporte e atividade física.

Podemos observar no **Gráfico 3** que 37.584.000 de brasileiros (25,6%) praticaram esportes, enquanto 109.165.000 (74,4%) de brasileiros não praticaram esportes no ano de 2013. Esse dado sobre percentual de praticantes apresenta-se dentro da média mundial.



2013

37.584.000
praticaram esportes

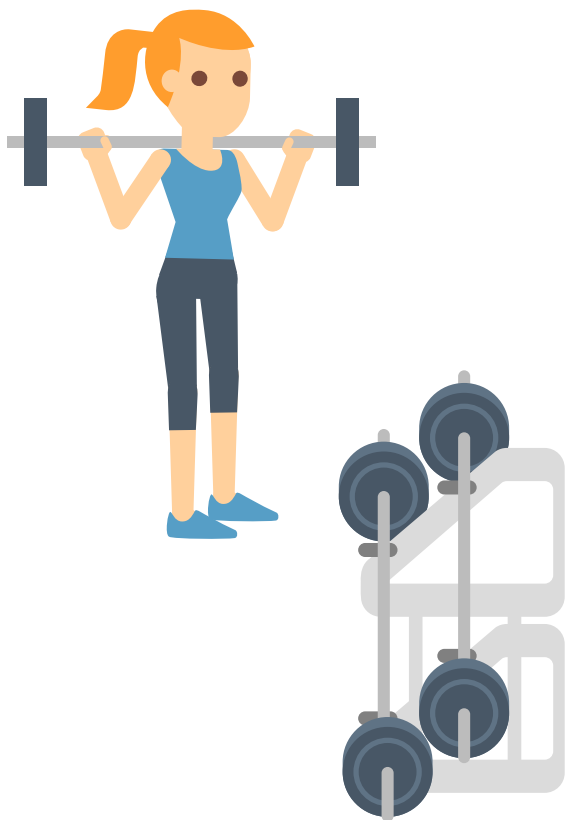
X

109.165.000
não praticaram

Observamos aqui, no que tange ao aspecto quantitativo da prática de esporte, que 37,5 milhões de brasileiros praticam esporte, sendo que o potencial, considerando a população pesquisada, é de 146 milhões de praticantes. Torna-se importante um diagnóstico do esporte no país, para identificar/compreender tanto os motivos e entraves que levam à adesão à prática de esportes, como o elevado número de não praticantes de esportes em escala nacional. Note-se que o modelo COMPASS e vários outros levantamentos de ampla abrangência sobre esportes e atividades físicas em geral têm como ponto de partida efetivo o quesito participação.

O esporte no Brasil recebeu uma crescente atenção, desde a criação do Ministério do Esporte, no entanto, segundo os pressupostos da presente investigação, faz necessário aprofundar o conhecimento das políticas de esporte promovidas, bem como os planejamentos, programas, diretrizes e metas estabelecidas. Entende-se que outros fatores socioeconômicos também contribuem para a falta de adesão à prática, como foi revelado pela pesquisa. Assim, urge atentar para essa variável, em seus nexos e relações com as demais variáveis pesquisadas.

Nesse particular, deve-se, ainda, levar em consideração que o interesse de parte da população brasileira pode estar, prioritariamente, voltado para satisfação de suas necessidades básicas. Esse é um fator limitativo do papel central da participação a ser verificado pelos resultados do DIESPORTE e, como tal, constante no Diagnóstico de 1971 como impeditivo de uma política de esportes à época.



Outras hipóteses advindas dos estudos diagnósticos brasileiros aqui listados anteriormente sugerem que as escolas, na sua maioria, não dispõem de suficientes suportes técnico-pedagógicos, nem estrutura física e materiais adequados necessários para um trabalho contínuo da prática esportiva. Em contrapartida, quando há uma fluência no esporte de base na escola, encontra-se a tendência de fixar-se na melhoria da elite desportiva escolar.

Nesse contexto de atualização, cabe atentar para a informação de que no percentual de 25% relativo aos que praticaram esportes estão incluídos 12% das citações dos entrevistados que entenderam as práticas de academia como prática esportiva; se não considerarmos essas citações, prática de academia como esporte, o percentual de brasileiros que praticaram esportes em 2013 diminuiu ainda mais, chegando a um percentual de 13%.

O número de praticante esportivo no Brasil não alcançou, todavia, um nível de importância em relação ao total da população do país, embora a participação em atividades físicas, mais relacionadas ao lazer e à saúde, mostre-se bem mais relevante, como se verifica na pergunta que se segue.

Em 2013, em algum momento do seu tempo livre, você praticou alguma atividade física?

Com relação à prática das atividades físicas, encontramos um percentual de 46,2%, ou seja, uma taxa maior de praticantes em relação ao esporte.

Dos entrevistados que citaram ser praticantes de atividade física (46,2%), 17,7% deles, praticam tanto atividades físicas como esportivas. Neste caso, os sujeitos que praticam esportes e também atividades físicas foram classificados apenas como "praticantes de esportes". Assim, em contas finais, os que praticam só atividade física perfazem um percentual total de 28,5%.

Pode-se, então, estabelecer uma classificação geral sobre as práticas de atividades físicas e esportivas dos brasileiros: praticante de esportes (25,6%); praticante de atividades físicas (28,5%); sedentários (45,9%, cerca de 67.343.000 de habitantes).

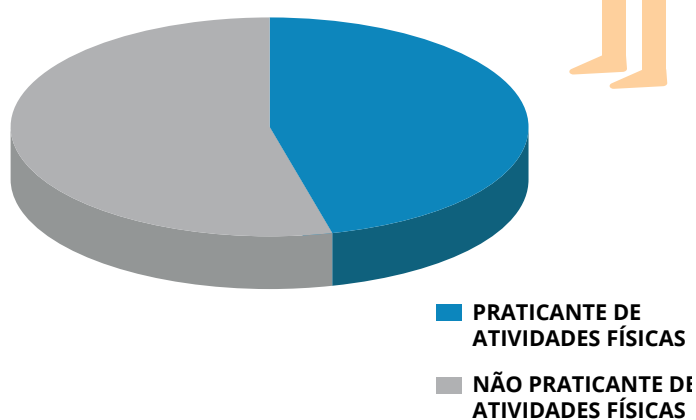
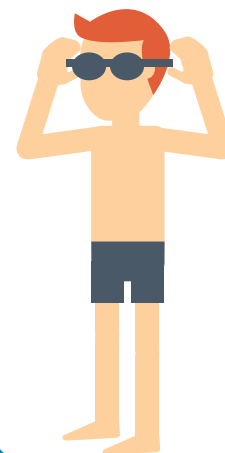


Gráfico 4 – Praticantes ou não de atividade física

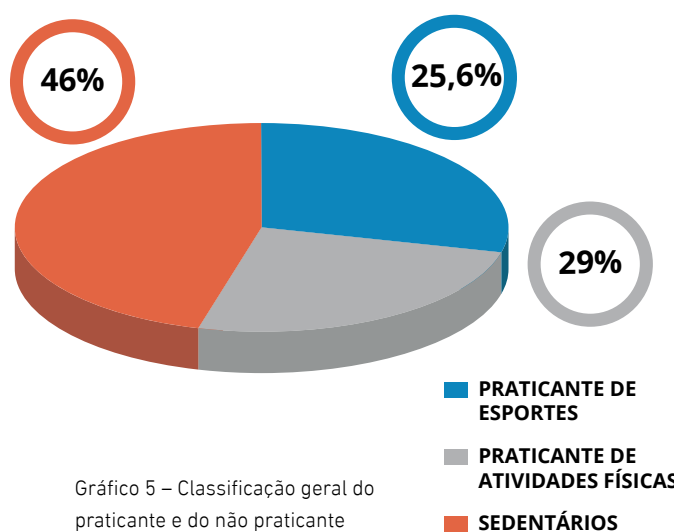


Gráfico 5 – Classificação geral do praticante e do não praticante

Esse estudo produziu pela primeira vez no Brasil uma amostragem com resultados por região, permitindo captar com mais fidedignidade e detalhes os dados sobre os sedentários, praticantes e não praticantes, identificando-os por faixa etária e gênero.

No caso do sedentarismo no Brasil, existem outros estudos que também apresentam dados, como a pesquisa **VIGITEL** do Ministério da Saúde. Tal estudo, porém, apenas coleta informações das capitais brasileiras, enquanto o DIESPORTE colheu dados de todas as capitais e cidades de grande, médio e pequeno porte, com recortes regionais. De todo modo, tanto o VIGITEL como o DIESPORTE apontam o índice de sedentarismo no Brasil próximo ao dos países europeus mais desenvolvidos, excetuando-se os países escandinavos de menor incidência. No DIESPORTE, esse percentual aproxima o Brasil com índices da Europa ocidental.

Outra comparação cabível reside no *Survey* (pesquisa de levantamento) Eurobarômetro – 412 de 2013, que indicou uma média europeia (UE) dos sedentários igual a 25%. Porém, precisa-se tomar cuidado na sua interpretação, pois o resultado foi obtido por média de situações, entre países com nível de sedentarismo muito baixo (menor que 5%), como nos países escandinavos, e outros países, com nível mais alto: Portugal 53%, Espanha 35% e Itália 46%, que supostamente são países mais aproximados ao Brasil em relação à prática de esportes; na Inglaterra encontrou-se um percentual de 17% e na França 22%, exemplos também não comparáveis com os dados brasileiros obtidos pelo DIESPORTE.

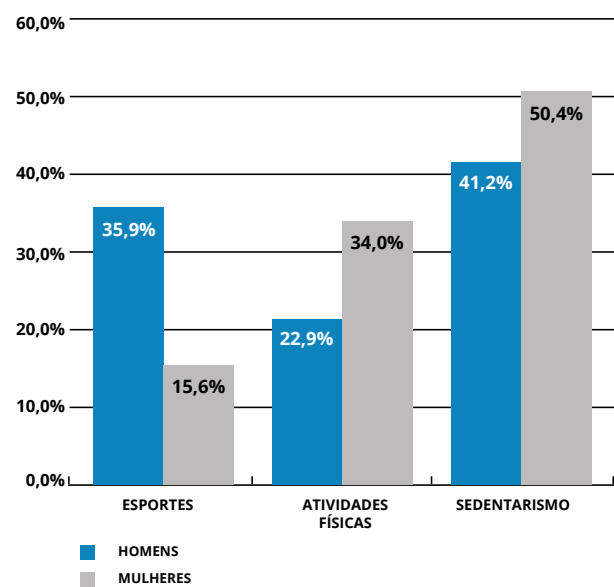


Gráfico 6 – Relação do gênero com o esporte, atividade física e sedentarismo

A distribuição do sedentarismo por gênero pode ser observada no **Gráfico 6**. Antecipadamente, sabia-se que em diversos países (exceto os países escandinavos) os homens praticam mais esporte do que as mulheres, entretanto as mulheres se dedicam mais às atividades físicas. No DIESPORTE pode-se também verificar estas afirmações, como analisado a seguir.

⁷ VIGITEL - Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico – (Os procedimentos de amostragem empregados pelo Vigitel diferem do DIESPORTE, objetivam obter, em cada uma das capitais dos 26 estados brasileiros e no Distrito Federal, amostras probabilísticas da população de adultos residentes em domicílios servidos por ao menos uma linha telefônica fixa. Em 2012, o sistema estabeleceu um tamanho amostral mínimo de 1.600 indivíduos com 18 ou mais anos de idade em cada cidade).

Em princípio, a análise da desigualdade entre gêneros baseia-se em estudos sobre estratificação e mobilidade social dos indivíduos na hierarquia socioeconômica e política na sociedade, entendendo estratificação social como um sistema de organização dos indivíduos na sociedade em grupos (estratos). Estes são relativamente homogêneos quanto a estilo de vida, a interesses ou valores comuns, segundo suas participações desiguais no processo de distribuição de recompensas socialmente valorizadas, tais como riqueza, poder e prestígio (PASTORE, 1979).

Isso significa que indivíduos e grupos têm acesso diferenciado às recompensas valorizadas na sociedade, de acordo com sua posição na hierarquia socioeconômica e política do sistema de estratificação. Em suma, as pesquisas habitualmente estabelecem as principais dimensões de bens a serem distribuídos e os critérios centrais de determinação da distribuição.

Segundo Santos (2009), os bens a serem distribuídos são:

A Os poderes econômico e de prestígio, medidos por empregabilidade (ou probabilidade de saída do desemprego), rendimento, localização nas ocupações ou pelo índice de status socioeconômico ocupacional

B Poder informacional, mensurado pelo alcance educacional dos indivíduos

C Poder político.

Nos itens (a), (b) e (c), a mulher ainda encontra-se em desvantagem no Brasil, além de ter de cumprir a jornada do lar. Assim sendo, é possível cogitar que esse quadro determine também os menores valores de participação nos esportes tradicionais e um maior percentual de sedentarismo na população feminina do país.

É também significativo ressaltar que relativamente às atividades físicas encontra-se no DIESPORTE 2014 maior participação da mulher no Brasil, situação que pode ser justificada pelo baixo custo e maior acesso às práticas das atividades físicas em espaços abertos, como será demonstrado adiante, ao se examinar práticas de caminhada e de ginástica.

3.1.1) Análise por região do praticante e não praticante

Os dados gerais do Brasil relativos aos praticantes de esportes e de atividades físicas, bem como aos sedentários, podem também ser analisados verificando-se os resultados por regiões, como podemos observar na **Tabela 6**:

CLASSIFICAÇÃO REGIÃO	REGIÕES					
	Norte	Sul	Sudeste	Nordeste	Centro-Oeste	Total
Praticantes de Esportes	32,8	29,2	18,4	32,4	28,3	25,6
Praticantes de Atividade Física	29,8	31,6	27,2	29,1	26,6	28,5
Sedentário	37,4	39,2	54,4	38,5	45,1	45,9
Total	100	100	100	100	100	100

Tabela 6 – Distribuição da variável classificação da prática entre regiões (%)

Segundo os dados coletados, pode-se observar em que região se pratica mais esportes no Brasil, ou as mais sedentárias. Na distribuição da variável “classificação da prática” por regiões, podemos ver que o Sudeste tem o mais alto nível de sedentarismo (54,4%) e, ao mesmo tempo, o menor número de praticante de esportes (18,4%). Esses resultados têm uma relação próxima com o estilo de vida, que pode ser considerado como um conjunto de padrões de comportamento que definem a maneira comum de viver de um indivíduo, num grupo. De acordo com a *World Health Organization* – WHO / Organização Mundial da Saúde – OMS (WHO, 1995), os estilos de vida estão ligados aos valores, às motivações, às oportunidades e às questões específicas.

Os indivíduos e países social e economicamente privilegiados têm maior amplitude de escolhas na procura de um estilo de vida saudável, enquanto outros têm que se debater com questões fundamentais da existência, sobrevivência e direitos humanos. A pobreza limita o espectro dos estilos de vida acessíveis e está intimamente ligada à saúde (MATOS; SIMÕES; CANHA e FONSECA, 2000).

No Brasil, a possibilidade de ocorrência de contradições é factível pela dimensão territorial do país, pela cultura de cada região e por oportunidades sociais como um todo. O resultado encontrado no DIESPORTE – os menores valores de pessoas praticantes de esportes e o maior valor de sedentários - pode ser explicado pelo diferente estilo de vida em regiões como Nordeste e Sudeste. Apesar de o Sudeste encontrar-se mais urbanizado, com o maior poder econômico e nível de informação do país, sugere-se que toda esta pujança tem deixado de lado o estabelecimento de uma prioridade: o indivíduo. Essa constatação já fora encontrada no Diagnóstico de 1971 e continua persistindo.



A explicação preliminar para tal circunstância negativa, ainda presente quatro décadas depois, incide sobre as exigências da mobilidade urbana típica do Brasil atual, com pouco tempo e condições objetivas para a prática esportiva ou atividades físicas.

No extremo, encontramos as regiões Norte e Nordeste, que possuem mais espaços abertos para atividades ao ar livre, com menores deslocamentos para o mundo do trabalho, apesar do menor avanço econômico e social em comparação ao Sudeste.

Para dar continuidade a essa análise, pode-se remeter às perguntas do questionário que enfocam o tema, como primeiramente se verifica na abordagem seguinte.

Em sua região de moradia, os espaços públicos existentes para a prática de atividades físicas e esportivas são suficientes?

Gráfico 7 e 8 apresentam algumas análises sobre infraestrutura esportiva no Brasil, que serão complementados com os dados da variável Infraestrutura esportiva que também está sendo realizada pelo DIESPORTE.

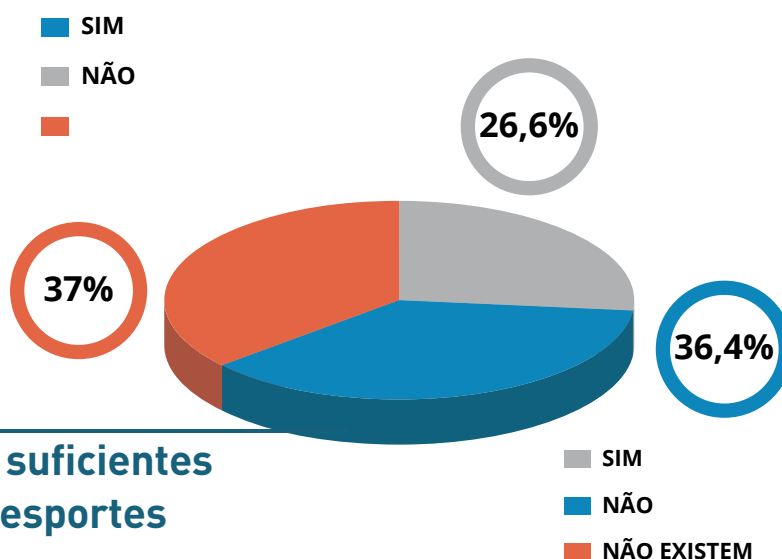


Gráfico 7

Espaços públicos suficientes para a prática de atividades físicas

Gráfico 8

Espaços públicos suficientes para a prática de esportes



Ao analisarmos o núcleo central desta pergunta, verificamos que ela não adentra na investigação efetiva da disponibilidade de espaços e instalações, mas apenas sobre a percepção do entrevistado sobre o que é um espaço para atividades físicas e esportivas e se aqueles que existem são suficientes ou não.

A percepção sobre a existência de espaço suficiente ou não é muito vaga, e pode ser alterada na observação de cada entrevistado. Assim sua evidência é fraca para ser analisada isoladamente, precisando de outras observações complementares.

Porém, é possível captar com esta pergunta o que efetivamente existe de instalações esportivas, já que a evidência sobre o que existe é mais forte sobre o que não existe. Dessa forma, devemos inicialmente levar em consideração apenas o percentual incidente sobre a não existência de instalação, que para atividade física foi de (33,4%) e para esporte de (37%).

3.1.2 A prática de esportes e atividades físicas no Brasil, estratificação por faixa etária

FAIXA ETÁRIA								
	15-19	20-24	25-34	35-44	45-54	55-64	65-74	Total
Esportivo	44,9%	38,6%	31,7%	22,2%	16,4%	9,6%	5,1%	25,6%
Ativo	22,4%	23,3%	27,6%	31,3%	30,1%	33,9%	30,5%	28,5%
Sedentário	32,7%	38,1%	40,7%	46,4%	53,5%	56,5%	64,4%	45,9%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Tabela 7 – Distribuição da variável classificação da prática por faixa etária (%)

Os dados da **Tabela 7** demonstram maior participação nos esportes tradicionais pelos jovens, a qual vai decrescendo com o aumento da idade. Nos idosos, a prática do esporte apresenta um percentual menor de adesão, o que também foi verificado nos diagnósticos brasileiros anteriores ao DIESPORTE, bem como nos internacionais analisados. Esse fato pode ser decorrente da natureza das atividades esportivas, de problemas físicos, motivação, deslocamento para espaços de prática ou ainda por questões econômicas.

Porém, observa-se na versão atualizada do DIESPORTE que a diminuição da prática esportiva com o aumento da idade é compensada pelo aumento da prática de atividades físicas, que cresce até a faixa etária de 55-64 anos. Depois dessa faixa, ocorre um decréscimo na participação até a última faixa etária pesquisada de 65-75 anos.

O resultado encontrado no DIESPORTE vem confirmar os dados apresentados na literatura internacional do setor. A diferença entre os percentuais dos homens e mulheres é menor que em países com pressuposta cultura esportiva similar ao Brasil (países de língua latina da Europa), observando-se que entre os cidadãos com mais de 55 anos alcançam-se os menores índices. Esse resultado está ligado a um discriminante cultural, embora de duvidosa revisão por simples comparações ou dados históricos.

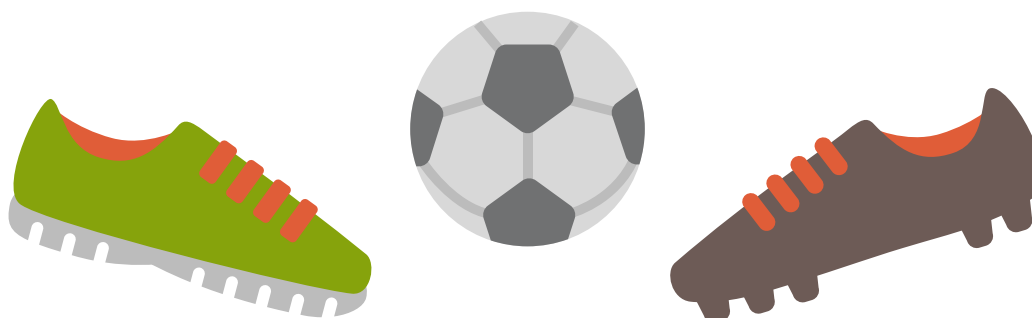
3.2) PERFIL DOS PRATICANTES DE ESPORTES NO BRASIL

Após captarmos informações de quantos brasileiros praticam esporte, podemos adentrar na qualificação e organização dessa prática. Assim, a primeira informação que podemos caracterizar sobre os brasileiros que praticam esportes é qual a modalidade esportiva que praticam (qual esporte?). Desse modo, foi perguntado

Quais foram os esportes que você praticou no ano de 2013 (fora do horário de seu trabalho ou do escolar), em relação ao tempo e esforço dedicado?

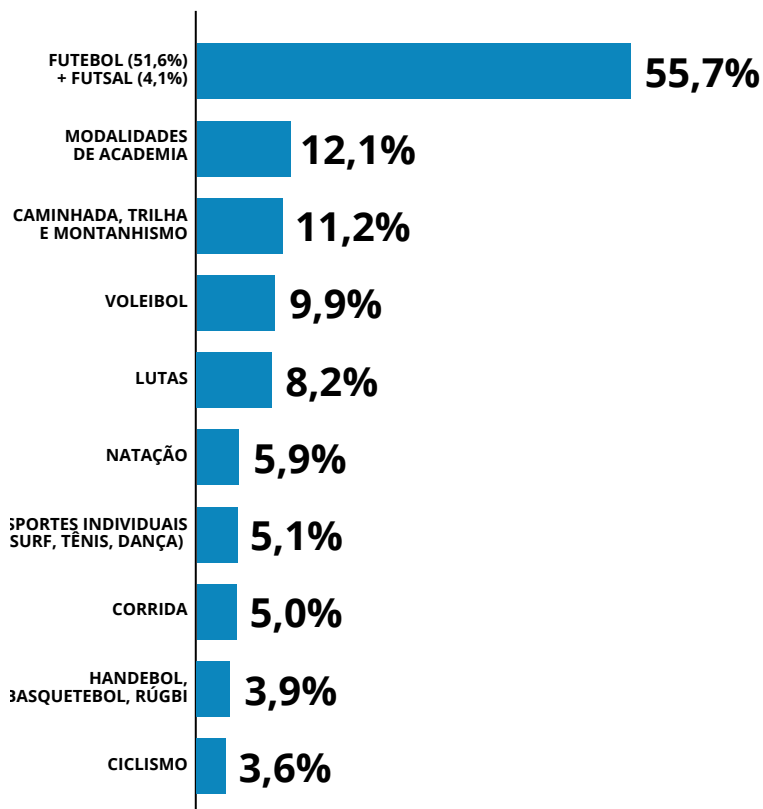
Nessa pergunta, os brasileiros que se consideram praticante de esportes puderam indicar três modalidades (tornando a soma das porcentagens maior do que 100). Na maioria dos casos, a frequência das respostas não é suficiente para garantir a estimativa correta do efetivo percentual de praticantes de uma modalidade esportiva na população brasileira. Por isso, apesar dos casos com frequência elevada, os esportes estão agregados por macrotipologias.

Em primeiro lugar, com a maioria absoluta das indicações, está o Futebol que, somado ao Futsal (4,1%), chega a (55,7%). Esse resultado reforça a interpretação comum e tradicional do futebol como cultura esportiva dominante, como prática, como imaginário e como consumo de esporte pelos brasileiros. Note-se que os diagnósticos abrangentes dos esportes no Brasil, concernentes a 1971 e 2005 (Atlas do Esporte no Brasil), já tinham alcançado interpretação semelhante.



Em seguida, e com percentuais mais baixos, encontramos as modalidades ligadas à academia de ginástica (Musculação, Ginástica etc.), com 12,1% do total; esta categoria inclui também Pilates e outras atividades desenvolvidas nas academias. Na terceira posição, encontramos a Caminhada, que juntamente com a Trilha e o Montanhismo, obtém 11,2%; Caminhada é uma das atividades que geralmente não está incluída nos esportes, mas sim nas atividades físicas, porém, como deixamos aberto o entendimento de esporte para a população, essas atividades estão aqui classificadas como esporte por definição do entrevistado. Tal definição de esporte se assemelha à adotada pelo Conselho Europeu de Esporte, como já mencionado.

Gráfico 9 – Esportes praticados em 2013



Voltando aos esportes de equipe tradicionais, no quarto lugar está o Voleibol (9,9%). A seguir, as atividades de Luta (8,2%), categoria que inclui Karatê, JiuJitsu, Judô, Boxe, Artes Marciais, Capoeira, MuayThay etc. A natação (5,9%), a Corrida (5,0%) e o Ciclismo (3,6%) completam o quadro de opções mais citadas. Contudo, foram mencionadas outras modalidades categorizadas como esportes de equipe (Handebol, Basquetebol, Rúgbi) com 3,9%, ou como esportes individuais (Skate, Surf, Tênis, Dança, Canoagem, Queimada, Motocross) com 5,1%. A conclusão pertinente a esses dados volta-se naturalmente para o fato de que a prática esportiva no Brasil já é de variantes múltiplas, tal como ocorre nos países de maior adiantamento social e econômico, embora o Futebol seja dominante tanto em imagem (significado cultural) como prática esportiva (fato socioeconômico).

Em termos de contexto das práticas, a análise dos esportes do **Gráfico 9** nos seus estratos de gênero, faixa etária e região produz resultados dignos de atenção. Na Tabela 8, o Futebol/Futsal constitui também a modalidade mais praticada pelas mulheres, porém evidencia-se que as mulheres apresentam maior diversidade nas modalidades esportivas. Tal dado é comprovado quando se observa na mesma tabela que 70% dos homens praticam como primeiro esporte o Futebol/Futsal, ao passo que entre as mulheres quatro modalidades esportivas ganham relevância semelhante nas respostas. O Voleibol (20,5%) é um desses esportes citados pelo grupo feminino, seguido por Academia / Musculação / Ginástica, Caminhada e Natação com (21,6%).



GÊNERO E CATEGORIAS DE ESPORTE		
	Masculino	Feminino
Futebol / Futsal	70,2%	23,4%
Academia / Musculação / Ginástica	7,7%	21,6%
Caminhada / Trilha	7,7%	19,6%
Voleibol	5,1%	20,5%
Lutas	17,1%	6,5%
Natação	4,4%	9,4%
Corrida	5,1%	4,8%
Ciclismo	3,5%	3,8%
Outros Esportes de equipe	3,2%	5,3%
Outros Esportes individuais	4,8%	5,8%

Tabela 8 – Distribuição do esporte praticado por gênero (%)

Quando se analisam as práticas por regiões do Brasil, também constata-se diferenças considerando-se que condicionantes históricos, socioculturais e ambientais devem se fazer presentes: nas regiões Sul e Norte, por exemplo, de cada três indivíduos que praticam esportes, dois praticam Futebol, apresentando assim uma menor diversificação nas outras modalidades. Nas regiões Sudeste e Nordeste, o Futebol é praticado por pouco mais que (50%) dos praticante de esportes, que também está próximo dos percentuais que o Centro-Oeste alcança (47,7%).

Com relação às outras modalidades esportivas, encontra-se o Voleibol em segundo lugar no Norte, no Sul e no Centro-Oeste, enquanto as atividades individuais de fitness têm um peso maior no Sudeste e no Nordeste, conforme a **Tabela 9**. Em síntese conclusiva, o DIESPORTE 2014 admite que a variedade esportiva brasileira somente pode ser constatada em seus pormenores por pesquisas de sentido local, desde que a variedade sociocultural entre regiões não demonstre ser o único fator de influência.

CATEGORIAS DE ESPORTE	REGIÕES				
	Norte	Sul	Sudeste	Nordeste	Centro-Oeste
Futebol / Futsal	65,6	71,2	50,1	52,2	47,7
Academia / Musculação / Ginástica	8,3	5,5	15,1	14,9	13,1
Caminhada / Trilha	7,1	8,5	16,3	9,6	12,0
Voleibol	15,2	12,4	7,1	8,4	15,2
Lutas	9,3	5,3	8,4	9,2	3,6
Natação	7,2	1,9	5,6	7,3	8,7
Corrida	6,3	3,6	5,2	4,4	8,0
Ciclismo	1,8	2,7	3,9	3,7	5,7
Outros Esportes de equipe	4,6	2,4	3,9	4,1	4,5
Outros Esportes individuais	4,0	4,1	6,4	4,7	6,1

Tabela 9 – Distribuição do esporte praticado por região (%)

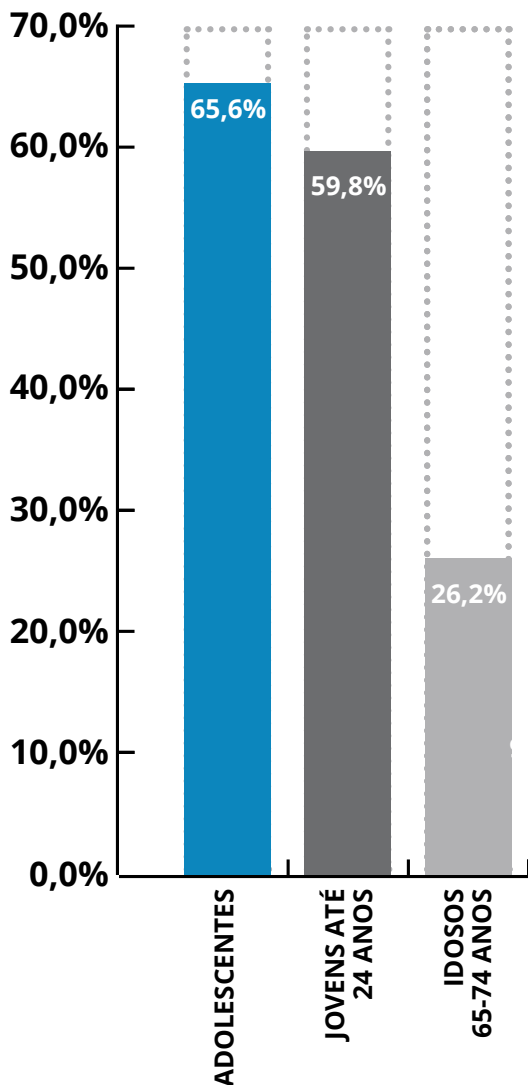


Gráfico 10 – Prática do Futebol por classificação etária

Com relação à faixa etária dos praticantes (**Gráfico 10**), observam-se alterações substanciais das modalidades praticadas que mudam de importância no curso de vida do brasileiro: o Futebol, que é o esporte mais praticado pelos adolescentes (65,6%) e pelos jovens (59,8%) até 24 anos, vai diminuindo de preferência com o aumento da faixa etária, alcançando apenas 26,2% de preferência dos idosos (65-74 anos). As atividades de fitness nas academias ou em espaços abertos aumentam seus percentuais de prática com o aumento da idade, como registra o instrumento da investigação, sendo o segundo mais praticado entre os idosos.

Sobre os esportes de equipe, o Voleibol ganha destaque entre os jovens. Também constata-se pelos resultados do survey 2014 do DIESPORTE que as atividades que se encontram na fronteira entre os esportes e as atividades físicas (Academi-a, por exemplo) ganham relevância tanto entre os adultos como entre os idosos.

3.2.1. Organização e qualificação das práticas esportivas dos brasileiros

A pesquisa baseada no COMPASS também considerou os aspectos de quantidade (quantas vezes?), de qualidade (que nível de competição?) e de organização (afiliado ou não?). Nesses termos, apresentamos adiante os resultados encontrados sobre organização, frequência e nível de participação esportiva do brasileiro. A pesquisa baseada no COMPASS também considerou os aspectos de quantidade (quantas vezes?), de qualidade (que nível de competição?) e de organização (afiliado ou não?). Nesses termos, apresentamos adiante os resultados encontrados sobre organização, frequência e nível de participação esportiva do brasileiro.

Qual o nível de competição mais importante que você praticou em 2013?

Os resultados apresentados nos Gráfico 11 e 12 mostram baixo nível de competição e de organização esportiva dos brasileiros, pois uma minoria declarou ter participado de competições oficiais organizadas (5,5%), sendo no nível Nacional/Internacional (0,7%), Estadual (2,7%) e Municipal (2,1%); outros 5% participaram de competições não oficiais e 89,6% dos brasileiros não participaram de competições organizadas em relação à sua prática esportiva.

Esses dados confirmam a interpretação de que a prática esportiva no país é predominantemente ligada ao lazer, sendo a competição um fator residual. Essa informação captada pelo DIESPORTE confirma uma tendência mundial, que está ocorrendo atualmente.

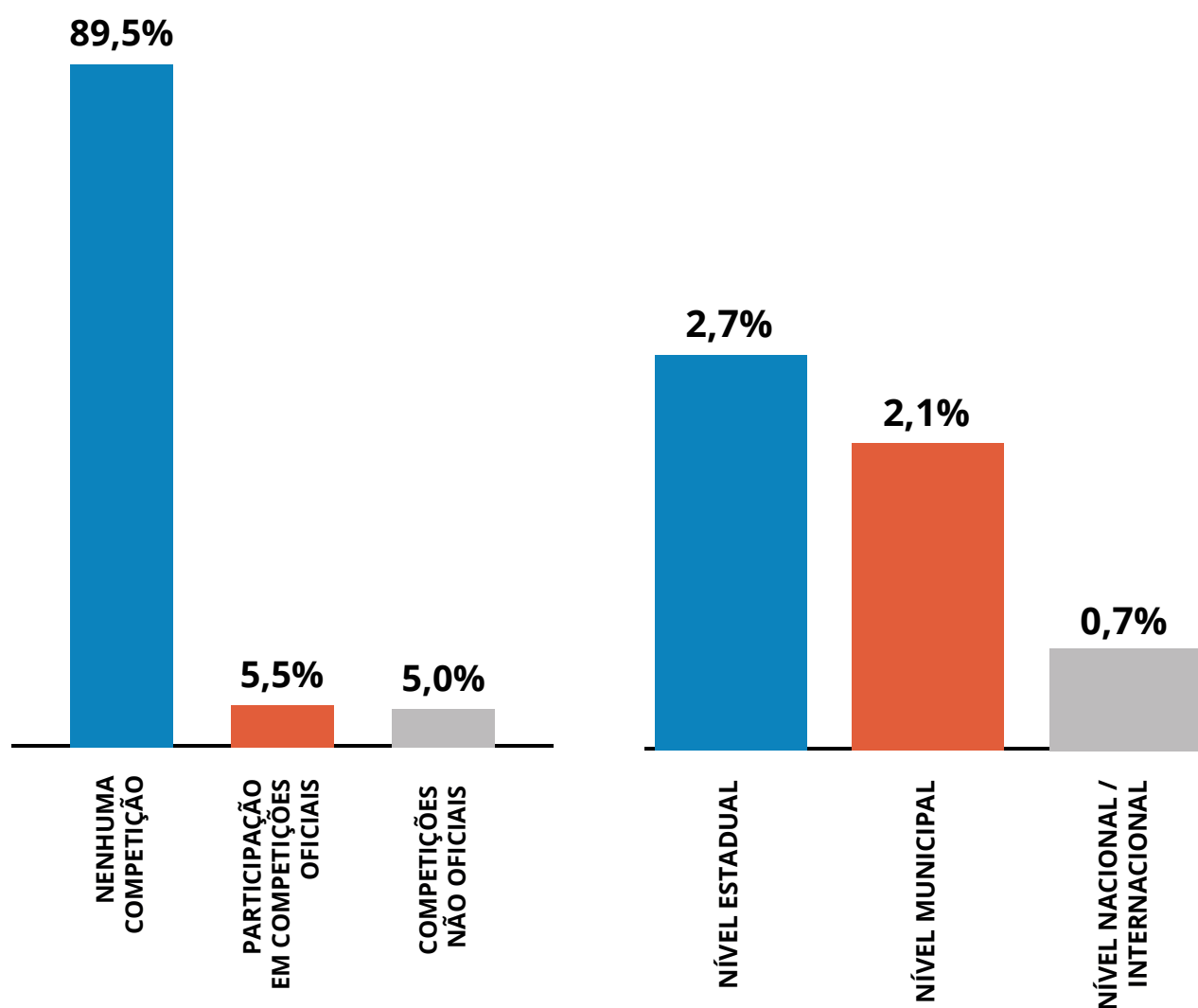


Gráfico 11 – Nível de participação em competições

Gráfico 12 – Participação em competições oficiais

Os dados sobre o nível de participação vêm corroborar os resultados encontrados à organização das práticas esportivas, quando observamos baixo índice de adesão às instituições que veiculam o chamado “esporte formal” ou “esporte federado”.

Você praticou algum esporte como atleta inscrito, federado ou filiado à alguma instituição?

O percentual de brasileiros que praticam esportes vinculados a uma instituição é de (7,6%, assim divididos: vinculados a um clube (2,5%), a uma federação/confederação (2,2%), a uma liga/associação (1,5%), à escola/universidade (1,0%), a outros (0,5%). Os brasileiros que praticam esportes sem vínculo a essas instituições representam 92,4% do total. Aqui também se apresenta uma radiografia fiel de que a promoção do esporte organizado por instituições esportivas no Brasil ainda se mantém na informalidade, uma vez que o Diagnóstico 1971 já apontava para essa característica. Tal constatação implica entender os praticantes esportivos brasileiros como predominantemente autônomos, uma vez que são relevantes em quantidade, mas reduzidos em vínculos institucionais.

No Brasil, o acesso às instituições que agregam as características de um clube de elite dos grandes centros urbanos sempre foi difícil para a maioria da população. Porém, o clube popular, por vezes sem reconhecimento dos governos locais (“clubes de várzea” e outras denominações), até a década de 1980, manteve-se como representativo das classes desprivilegiadas no país. Nesse particular, o Atlas de 2005 registrou um total de 40 mil clubes no Brasil, resgatando dados do IBGE de 1971 para todos os tipos de clubes, realçando assim o papel de base esportiva para os clubes brasileiros (Atlas do Esporte no Brasil, 2005, p. 180-186).



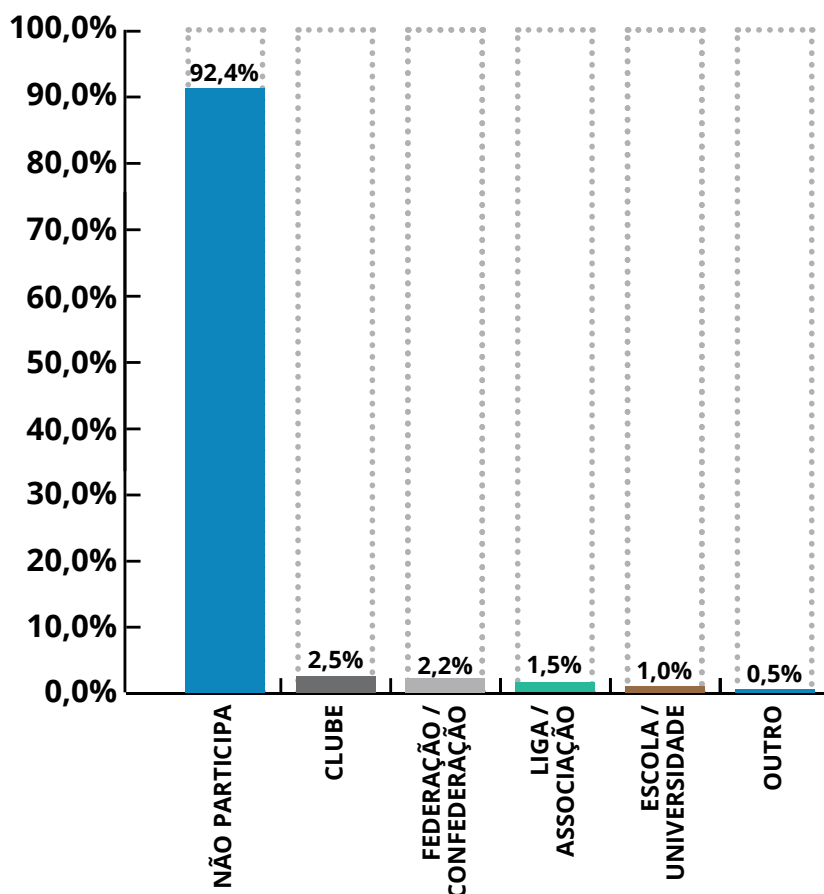


Gráfico 13– Filiação a instituição para a prática esportiva

A **Tabela 10** expande o entendimento da institucionalização do esporte no país, interpretando a tipologia de filiações dos participantes esportivos. Nesse âmbito, a maior adesão está entre os homens (8,6%), com as mulheres marcando 4,1%. Essa distinção também ocorre com relação à participação nas competições, apresentando os homens um percentual de 11,9% e as mulheres de 7,1%. Com relação às associações escolares e universitárias, verifica-se maior participação da mulher (1,8%) que a dos homens (0,6%).

	HOMENS	MULHERES
Total de Filiados	8,6%	4,1%
Participação de Competições	11,9%	7,1%
Participação pela Universidade	0,6%	1,8%

Tabela 10 – Filiação dos praticantes por gênero (%)

Comparando filiações entre as regiões, encontra-se um menor nível de organização e de competição na região Centro-Oeste apresentando baixo percentual de praticantes de esportes organizados. Ao contrário, no Sudeste, que apresentou o menor percentual de praticante de esportes, encontra-se o mais alto nível de organização e um nível médio de competição. Como tais, esses resultados podem variar pelas diferentes percepções do entrevistado com relação ao que são ou não práticas competitivas. A síntese da distribuição das duas variáveis é demonstrada na **Tabela 11**.

PRÁTICA DE ESPORTE	REGIÕES				
	Norte	Sul	Sudeste	Nordeste	Centro-Oeste
Organizada (todas modalidades)	5,7	7,3	8,6	8,4	3,4
Não organizada	94,3	92,7	91,4	91,6	96,6
Total	100	100	100	100	100
Competitiva (todas modalidades)	4,6	15,2	7,4	14,3	2,9
Não competitiva	95,4	84,8	92,6	85,7	97,1
Total	100	100	100	100	100

Tabela 11 – Distribuição da organização da competição na prática de esportes por região (%)

A prática de atividades esportivas com maior nível de organização e competição apresenta maior percentual entre os mais jovens (até 25 anos). Além disso, a pesquisa aponta que de cada quatro brasileiros, três (76,0%) começaram a praticar esporte na idade de 14 anos, e 6,8% com 5 anos. Verifica-se que essas práticas, na sua maioria, foram iniciadas no espaço escolar.

Aqueles que começaram a praticar esportes na idade adulta tiveram suas práticas iniciadas nos espaços abertos públicos ou privados, com estrutura ou sem estrutura, na maioria das vezes sem orientação. Essa informação remete à importância da escola como espaço de formação, iniciação e organização das práticas esportivas sistematizadas com orientação.

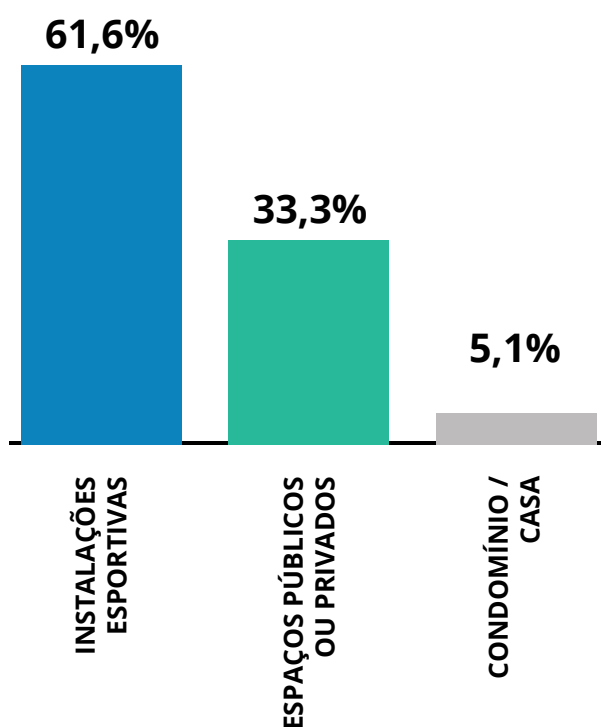
Não foram encontradas diferenças entre os esportes citados como primeiras práticas e os praticados atualmente, com exceção das atividades de academia, em que pese não fazer parte do campo de análise dos praticantes esportivos.



Em qual local você costuma praticar seu esporte preferido?

3.2.2. O local da prática esportiva

Com relação ao local da prática esportiva (**Gráfico 14**), verificou-se que 61,6% dos brasileiros praticam esportes em instalações esportivas, sendo 32,0% em instalações de acesso pago e 29,6% em instalações gratuitas; 33,35% em espaços públicos ou privados, sendo 19,0% em espaço com estrutura e 14,3% em espaço sem estrutura. Há 5,1% que utilizam estruturas de condomínio ou espaços da sua própria casa.



A utilização dos espaços difere muito quando comparada por regiões. Na região Sul, são utilizadas mais as instalações que envolvem pagamento; na região Sudeste, predominam as práticas nos espaços estruturados, conforme apresentado na **Tabela 12**.

Gráfico 14 – Local em que realiza a prática esportiva

LOCAL DA PRÁTICA	REGIÕES				
	Norte	Sul	Sudeste	Nordeste	Centro-Oeste
Instalações esportivas pagando	35,7	42,8	23,8	33,7	29,6
Instalações esportivas grátis	34,7	39,2	27,8	23,6	34,0
Espaços abertos com estrutura	13,5	9,1	31,0	15,9	14,1
Espaços abertos sem estrutura	11,5	7,6	16,5	15,6	17,9
Casa ou condomínio	4,6	1,3	0,8	11,2	4,4
Total	100	100	100	100	100

Tabela 12 – Local da prática de esportes por região (%)

3.2.3. O Investimento do Brasileiro com a Prática de Esportes

A seguir, apresentamos alguns aspectos de investimento do brasileiro em relação à prática esportiva

Qual o valor mensal você investiu para praticar esportes em 2013 (inscrições, taxas, mensalidades, etc.)?

Quase dois terços dos brasileiros que declararam que praticam esporte, o fazem sem gasto econômico (Gráfico 15). Um total de 61,2% declarou que praticou esportes de forma gratuita durante o ano de 2013; 29,1% pagaram um valor de até 100 reais; 9,7% pagaram mais que 100 reais. Não se encontram diferenças significativas entre homens e mulheres, nem entre regiões neste perfil, apenas a idade tem influência, pois os mais jovens realizam a prática na escola, gratuitamente ou incluída na mensalidade, e os mais idosos praticam atividades que não precisam de instalações pagas, portanto, não gastam com este fim.

Esses resultados, entretanto, não incluem os gastos indiretos da prática esportiva, tais como roupas, calçados e deslocamentos para os locais de prática, o que certamente ampliaria os investimentos individuais e familiares para o total dos respondentes. Assim, a interpretação desse quesito situa-se no exame da variável financiamento no âmbito dos estudos do DIESPORTE, cujo relatório está sendo publicado paralelamente ao presente documento, o qual apresenta preliminarmente que a família e o sujeito, são os maiores investidores no esporte, ou seja, é o sujeito que autofinancia sua prática esportiva. Dessa forma, podemos já apontar um dos entraves para a baixa adesão da prática esportiva, bem como da elevação do padrão esportivo do brasileiro, tendo em vista a quantidade de brasileiros que não têm condições econômicas para investir em prática esportiva.

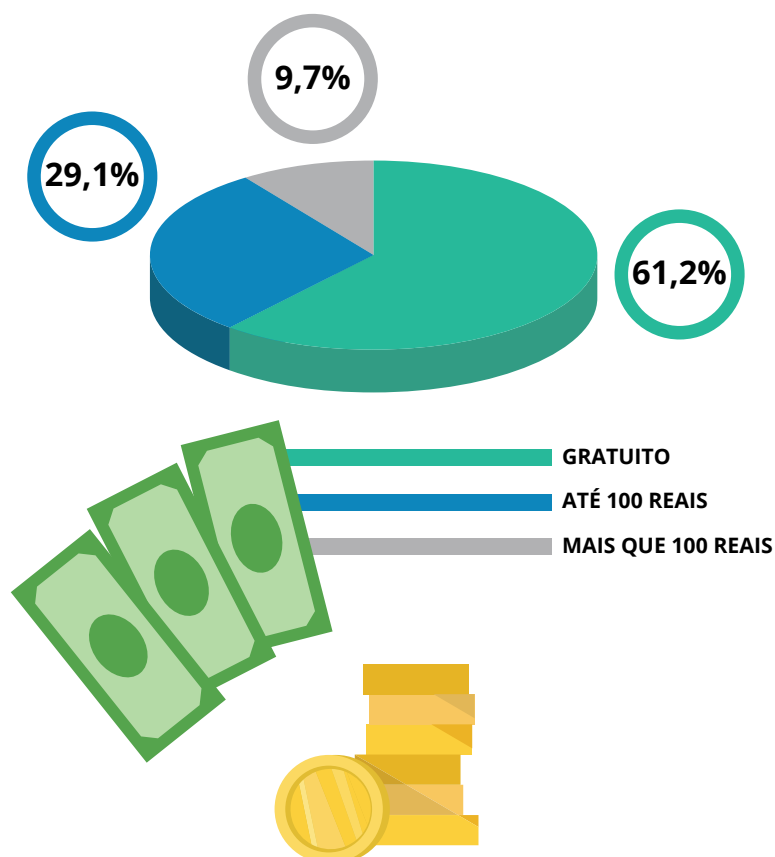


Gráfico 15 – Valor gasto com a prática de esporte

De qualquer modo, o estado do conhecimento internacional quanto ao investimento dos praticantes em esportes mostra-se condizente com os 38,8% dos respondentes envolvidos com gastos diretos e com os 61,2% que pressupõem gastos indiretos, como se verifica em Van-reusen, Taks&Renson (2002), ao analisarem o autofinanciamento dos gastos do esporte por praticantes na Bélgica e na Europa em geral. Em resumo, o autofinanciamento é uma das justificativas da autonomia típica dos praticantes esportivos, como interpretado anteriormente neste diagnóstico e como se verifica na Europa.

3.2.4. O Motivo da prática esportiva

Por qual motivo você costuma praticar esportes?

Este tópico se refere às necessidades de investigar sobre as motivações das práticas esportivas, tema complexo, mas pertinente de ser tratado como ponto de partida para análises complementares a outras abordagens deste estudo. Nessas condições, no questionário, o tema foi simplificado com a apresentação de uma lista com nove possibilidades de motivações na qual o entrevistado tinha duas opções de escolha.

Na **Tabela 13**, apresentam-se os motivos da prática relacionada ao gênero. Os percentuais são maiores que 100, pois os entrevistados tinham a possibilidade de escolher duas opções. Em média, foram escolhidas 1,29 opções.

MOTIVAÇÕES	MASCULINO	FEMININO	TOTAL
Para melhoria no desempenho físico	38,9	35,6	37,9
Para qualidade de vida e bem-estar	45,3	50,5	46,9
Para melhorar a harmonia corpo/mente	5,9	8,7	6,8
Para relaxar no tempo livre	17,5	10,6	15,4
Para competir com outros e comigo mesmo	4,8	4,4	4,7
Para relacionar com os amigos e/o fazer de novos	12,4	10,4	11,8
Por indicação médica, questões financeiras etc.	4,6	8,5	5,8
Total	129,4	128,7	129,2

Tabela 13 – Distribuição das motivações para a prática de esporte por gênero (%)

Em suma, verificou-se que os brasileiros praticam esporte prioritariamente para melhorar sua qualidade de vida e seu condicionamento físico geral. A busca da prática para relaxamento e a socialização constituem outras motivações que têm relevância significativa. Aqui o componente competitivo é periférico, já que está ligado apenas a uma minoria de praticantes. Em geral, os dados obtidos confirmam o foco prioritário dos praticantes brasileiros na qualidade de vida e a opção dominante pelo lazer em lugar da competição. Também neste caso não se discerniram diferenças importantes entre gêneros.

3.3) PERFIL DOS PRATICANTES DE ESPORTES NO BRASIL

3.3.1. Caracterização dos praticantes de atividades físicas

As perguntas relacionadas às atividades físicas foram iniciadas indagando-se sobre opções de tempo livre para a prática esportiva.

Em 2013, em algum momento do seu tempo livre, você praticou alguma atividade física, tais como nadar, fazer caminhada, andar de bicicleta, ginástica, dança, etc.?



A pergunta foi apresentada a todos os respondentes, inclusive àqueles que afirmaram que praticam atividades esportivas, como relatado anteriormente. Assim, os perfis das respostas devem ser avaliados diferentemente pelos praticantes de atividades físicas e pelos praticante de esportes que praticam também atividades físicas, conforme **Tabela 14**, na qual o total dos percentagens é maior que 100, pois houve a possibilidade de indicar mais que uma opção.

CLASSIFICAÇÃO DA PRÁTICA E CATEGORIAS DE ATIVIDADES	PRATICANTE DE ATIVIDADES FÍSICAS	PRATICANTE DE ESPORTES
Caminhada	65,6	42,8
Academia / Musculação / Ginástica e outras	22,8	16,8
Andar de Bicicleta	15,9	20,0
Correr	4,6	14,5
Nadar	3,4	10,8
Esporte de equipe (Futebol, Voleibol, Basquetebol)	2,7	7,1
Lutas	0,3	1,2
Outros Esportes individuais	6,5	7,3
Total	122,0	120,5

Tabela 14 – Distribuição da atividade por praticante de atividades

De qualquer modo, o estado do conhecimento internacional quanto ao investimento dos praticantes em esportes mostra-se condizente com os 38,8% dos respondentes envolvidos com gastos diretos e com os 61,2% que pressupõem gastos indiretos, como se verifica em Van-reusen, Taks&Renson (2002), ao analisarem o autofinanciamento dos gastos do esporte por praticantes na Bélgica e na Europa em geral. Em resumo, o autofinanciamento é uma das justificativas da autonomia típica dos praticantes esportivos, como interpretado anteriormente neste diagnóstico e como se verifica na Europa.

Ao analisar os praticantes de atividades físicas por gênero, observamos que as mulheres são mais envolvidas nas atividades de academias, incluindo danças (7,9%), classificada na **Tabela 14** dentro dos “outros esportes individuais”



CATEGORIAS DE ATIVIDADE		
	Masculino	Feminino
Caminhada	62,1	67,7
Academia/Musculação/ Ginástica e outras	15,4	28,1
Andar de bicicleta	21,3	12,4
Correr	7,6	2,5
Nadar	4,8	2,5
Esporte de equipe (Futebol, Voleibol, Basquetebol)	4,7	7,1
Outros Esportes individuais	4,1	8,6

Tabela 15 – Distribuição da atividade praticada por gênero (%)

Ressalte-se diante desses resultados que, com o aumento da idade, as atividades de Caminhada, Andar de Bicicleta e Ginástica ganham maior relevância na **Tabela 15**. Há uma ênfase também na constatação de que quase 80% dos idosos fazem só Caminhadas. Entre os jovens, a distribuição é mais uniforme, considerando várias modalidades.

É significativo observar que 24,8% dos entrevistados indicam que na realização das atividades recebem a orientação de um instrutor.

3.3.2. O local da prática de atividades físicas

Pela indicação das modalidades no **Gráfico 16**, pode-se pôr em registro que as atividades são praticadas, na maioria dos casos, em espaços abertos sem instalações (57,3%), ou com instalações (21,5%) e nas academias (12,3%).

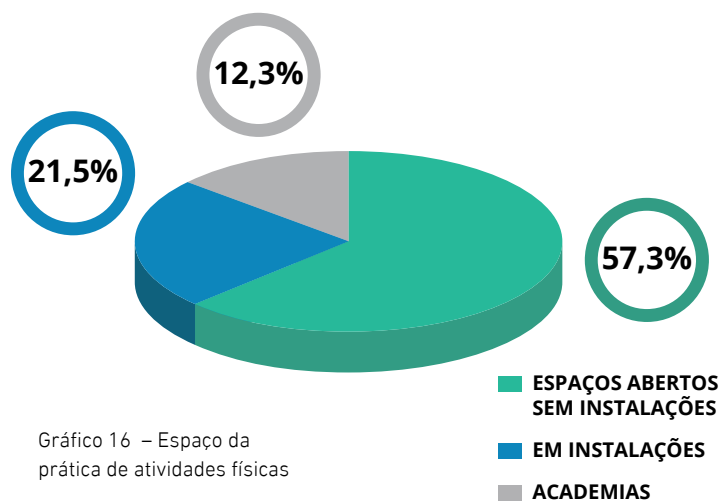


Gráfico 16 – Espaço da prática de atividades físicas

Em razão de as atividades serem realizadas em espaços abertos sem instalações (57,3%), torna-se compreensível também que essas práticas sejam realizadas, na sua maioria, gratuitamente, perfazendo um total de 78,4%. Destaque-se que existem mais espaços para a prática de atividades físicas gratuitas do que de esportes.

3.3.3. O investimento do brasileiro com a prática de atividades físicas

A observação sobre investimentos dos praticantes incluiu dados além dos gastos pelo uso de instalações como visto anteriormente. Neste particular, segundo o **Gráfico 17**, 20,3% dos entrevistados investiram no ano de 2013 o valor médio mensal de até R\$ 100,00. Nesse caso o custo inclui as atividades desenvolvidas nas academias.

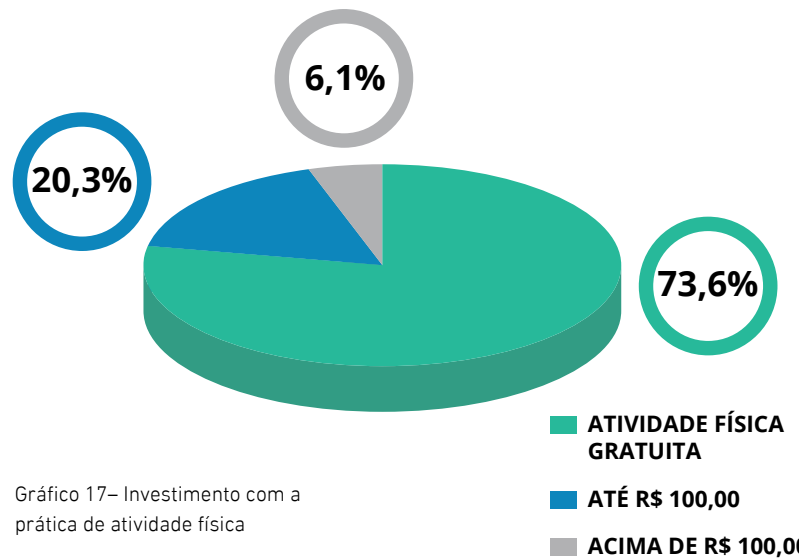


Gráfico 17– Investimento com a prática de atividade física

3.3.4. O Motivo da prática de atividades físicas

Por qual motivo você praticou atividades físicas no ano de 2013?



Para esta pergunta, em que pese o fato de o questionário ter dado duas opções, os dados aqui apresentados retratam apenas a primeira opção do entrevistado, em razão do número insignificante de respostas com duas opções. Assim, os dados encontrados não podem ser comparados com os motivos apresentados dos praticantes de esportes, mas é possível comparar os resultados (**Gráfico 18**). Os maiores motivos para a prática de atividade física são “para qualidade de vida e bem estar” (44,1%), seguidos de “para melhoria no desempenho físico” (33,2%); e “indicação médica” (11,1%); “para relaxar no tempo livre” (6,6%); “para melhorar a harmonia corporal” (3,2%); “para relacionar com amigos” (1,4%); e “para competir” (0,4%).

Gráfico 18
Motivo da prática de atividades físicas

Essas informações sugerem não só a busca dos respondentes por uma vida mais prazerosa e saudável, como também de uma qualidade de vida melhor e de um estilo de vida ativo, constituindo, por outro lado, um perfil cultural dos brasileiros em termos de atividades físicas. A validade de tal interpretação incide na convergência de respostas a perguntas distintas numa mesma pesquisa e não a suposições de semelhança cultural entre países, cuja utilidade reside apenas em se estabelecer pontos de partida de análises ou hipóteses para abordagens iniciais.

3.4) O DROP OUT NO BRASIL

3.4.1. Caracterização dos sedentários e do drop out (abandono à prática)

A pesquisa também visou conhecer o movimento de adesão e abandono das práticas esportivas do brasileiro para anos anteriores a 2013, conforme vemos a seguir.

Qual foi o principal motivo para que você não praticasse esportes em 2013?

A pergunta foi feita apenas aos não praticantes de esportes⁸, sejam sedentários ou praticantes de atividades físicas. Neste particular, foram encontradas motivações muito semelhantes para o abandono do esporte tanto entre os sedentários como para o praticante de atividade física, conforme indicações da **Tabela 16**.



MOTIVO DO ABANDONO AO ESPORTE	SEDENTÁRIOS	PRATICANTE DE ATIVIDADES FÍSICAS
Falta de tempo (estudo, trabalho, família etc.)	59,6	57,4
Dificuldade de acesso a instalações	6,8	8,2
Esporte custa muito	2,2	2,9
Questões de saúde	9,9	8,9
Pela idade	4,4	4,7
Preguiça, desinteresse, desmotivação	12,3	10,9
Não gostar esporte como competição	4,8	7,0
Total	100,0	100,0

Tabela 16 – Motivações do abandono da prática esportiva (%)

⁸ A pergunta foi feita ao entrevistado que disse não realizar atividades esportivas.

Concentrando a atenção sobre as opiniões e as características dos sedentários (Tabela 16), a principal motivação foi “falta de tempo” (59,6%), em razão de outras prioridades na própria vida: estudo, trabalho, família etc. Foram também indicadas motivações ligadas às dificuldades objetivas para prática de esporte, como não ter acesso a instalações (6,8%) e o custo (2,2%). Ainda encontramos aqui respostas como “preguiça”, “desinteresse”, “desmotivação” (12,3%) e “não gostade esporte competitivo” (4,8%).

Sobre o percentual de sedentários, uma parte deles (42,2%) declarou ter praticado pelo menos uma vez na vida um esporte. Essa característica é muito diferenciada nas regiões: no Sul, o drop out foi muito elevado (67,5%); no Nordeste, (55,0%); no Norte, chega-se a (43,5%); no Sudeste, (35,3%); e no Centro-Oeste é ainda menor (33,7%).

Destaque-se neste caso o alto nível de abandono da prática esportiva (drop out) entre os sedentários, uma vez que, de cada dois brasileiros sedentários, um declarou já ter praticado esportes. Esse fato precisa ser analisado com os motivos do abandono ou os motivos por que não praticam esporte, que na maioria dos casos citados, é por falta de tempo, por motivo de trabalho, estudo, cuidar da família, associado a mobilidade social, baixo nível de renda da maioria da população e custos elevados para a prática do esporte.

Revisar as políticas de promoção à prática de atividades físicas e esportivas, relações de tempo de trabalho, transporte e renda, torna-se necessário para democratizar e promover a elevação das práticas esportivas do brasileiro. Em outras palavras, uma política pública voltada somente para a promoção de atividades físicas e esportivas não se mostraria suficiente para a redução importante nos índices de dropout, pois as condições externas a ela não seriam alteradas.



Gráfico 19 – Drop Out por região

Se reunirmos os praticantes de esportes no ano de 2013 aos que praticaram esporte pelo menos uma vez na sua vida (Gráfico 20), ou seja, aqueles que experimentaram a prática de um esporte, o percentual de brasileiros sobe para (63,2%). Isso significa que, de cada três brasileiros, dois praticaram ou experimentaram uma prática esportiva. Nesse caso, a região com maior percentual é o Sul (78,6%); seguida pelo Nordeste (71,4%); Norte (68,7%); Centro-Oeste (56,5%); e Sudeste (52,9%).

Esse dado revela a necessidade já discutida neste relatório de desenvolver um olhar mais cuidadoso no que se refere ao alto índice de abandono das atividades esportivas. Mobilidade urbana, tempo de trabalho, nível de escolaridade, promoção da prática, aderência a atividades profissionalmente sistematizadas e motivantes, espaços planejados para atendimento à população com o esporte e atividades físicas são alguns fatores que devem ser observados por influenciarem esses percentuais de abandono tão elevados.

Isto posto, cabe apontar mais uma vez que intervenções no campo do esporte e das atividades físicas devem fazer parte de políticas públicas mais amplas relacionadas à saúde e ao lazer, pois as causas do abandono habitualmente extrapolam os parâmetros das atividades físicas.

3.4.2. O Drop Out por gênero no Brasil

De acordo com a **Tabela 17**, a variável “ter praticado esportes em algum momento da vida” é maior entre os homens (53,1%), tendo as mulheres o índice de 37,1%. Essa diferença é maior entre os jovens e diminui com o aumento da idade. Na faixa dos 35 anos, encontra-se o abandono de 90,%. É possível que esse fato seja justificado pelas exigências do mundo do trabalho, conforme já observado nesta pesquisa na abordagem dos motivos para o abandono da prática. Na idade escolar, observa-se abandono em torno de 27,3% entre os jovens de 15 anos e 45,3% entre 16 e 24 anos. Isso pode ser explicado pelo fim da vida escolar e entrada no mundo do trabalho, o que está evidenciado no **Gráfico 21**. Outro fato relevante é a diferença apresentada entre os gêneros: as mulheres até 15 anos representam um percentual de 36% de abandono, enquanto os homens, 19,7%.

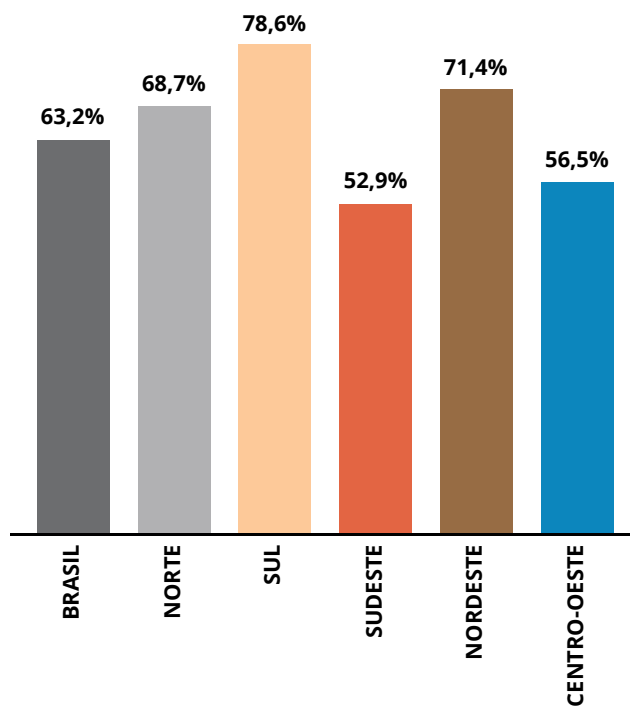


Gráfico 20– Praticante de esportes + indivíduos que vivenciaram uma prática esportiva na vida por região

HOMENS	MULHERES
53,1	37,1
PRATICANTES NO PERÍODO ESCOLAR	
19,7	36

Tabela 17 – Prática esportiva ao menos uma vez na vida em relação ao gênero (%)

Gráfico 21 – Drop Out do praticante de esportes uma vez na vida por idade no período escolar e idade de abandono total

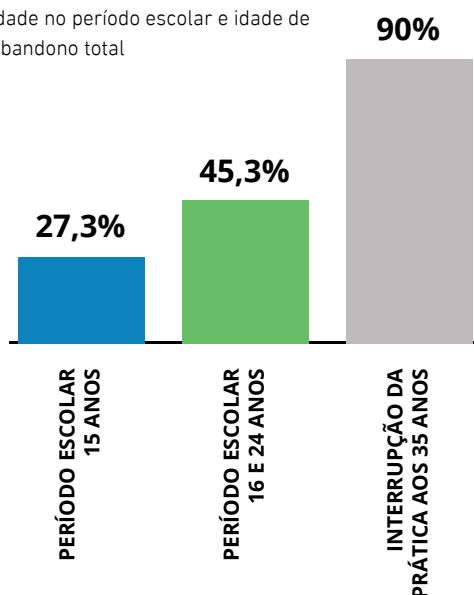
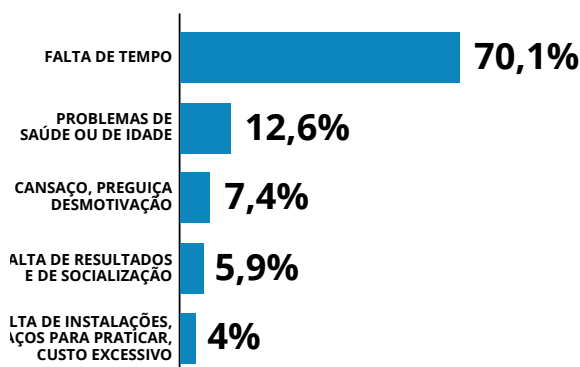


Gráfico 22 – Abandono da prática esportiva



Apesar de os índices de abandono entre adolescentes e jovens também serem expressivos, é latente a influência da escola com relação à prática esportiva, portanto, a manutenção do indivíduo nessa prática passa por entender a escola como espaço de promoção e formação esportiva. Em tese, esse complexo sistema deve estar preparado profissionalmente para tal empreitada.

Quando questionou-se qual era a o esporte que se praticava no momento da interrupção a modalidade mais citada foi o Futebol. Na idade escolar, o esporte mais praticado no momento do abandono também foi o Futebol, só que para os homens; para as mulheres, foi o Voleibol.

Acompanhando-se o **Gráfico 22**, constata-se que o principal motivo que levou os entrevistados a abandonar a prática esportiva foi “falta de tempo” por estudos, trabalho, família, que obtém 70,1% das indicações; seguido por “problemas de saúde ou de idade” (12,6%); “cansaço, preguiça, desmotivação” (7,4%); “falta de resultados e de socialização” (5,9%); “falta de instalações/espaços para praticar ou custo excessivo” (4,0%). Esses resultados convergem para constatações anteriores, constituindo, portanto, confirmações adicionais.

3.5) REGULARIDADE, INTENSIDADE DA PRÁTICA ESPORTIVA E DA ATIVIDADE FÍSICA

Foram solicitadas aos entrevistados que praticaram esportes ou atividades físicas no ano de 2013 informações sobre essas práticas no que tange a frequência e a duração, como exposto adiante.

Com que frequência você praticou atividades físicas e esportivas em 2013?

Tabela 18 – Frequência semanal da prática de atividades físicas e esporte (%)

OPÇÕES	ATIVIDADES ESPORTIVAS	ATIVIDADES FÍSICAS
Menos de uma vez por mês	5,2	4,7
1 a 3 vezes por mês	9,2	7,8
1 vez por semana	20,1	11,9
2 vezes por semana	26,5	23,4
3 a 4 vezes por semana	24,2	28,9
5 vezes ou mais por semana	14,9	23,4
Total	100	100

Considerando a prática de atividades esportivas e físicas de 3 a 5 vezes por semana como ideal, vimos na **Tabela 18** um percentual de 39,1% para as atividades esportivas e de 52,3% para as atividades físicas.

A partir desses dados, foi utilizada a modelagem do COMPASS, visando classificar a frequência da prática do brasileiro, conforme modelo apresentado na **Tabela 19**.

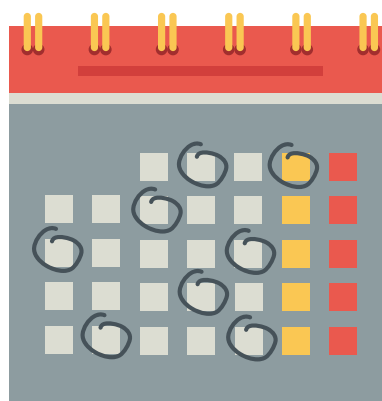
ATIVIDADE FÍSICA E ESPORTE	3+ VEZES POR SEMANA	2+ VEZES POR SEMANA	1 VEZ POR SEMANA	1-3 VEZES POR MÊS	MENOS DE 1 VEZ POR MÊS	NUNCA
3+ VEZES POR SEMANA						
2 VEZES POR SEMANA						
1 VEZ POR SEMANA						
1-3 VEZES POR MÊS						
1 VEZ POR MÊS						
NUNCA						

LEGENDA PRÁTICA	REGULAR (OMS)	QUASE REGULAR	IRREGULAR	SEDENTÁRIO
-----------------	---------------	---------------	-----------	------------

Tabela 19
Modelo de classificação da prática de esportes e de atividades físicas

Para a análise das informações formatadas na **Tabela 19**, torna-se necessário fazer uma revisão do conhecimento sobre frequência de práticas de atividades físicas e esportivas. Para tal conveniência, a presente pesquisa foi remetida para o Boletim da Organização Mundial da Saúde, referenciado como *Bulletin of the World Health Organization* (1995;73:135-6).

Nesse estudo, metade da população mundial foi classificada como insuficientemente ativa. Portanto, era necessário convocar os governos a promover e melhorar os programas de aptidão e atividade física como parte de uma política social e de saúde pública, destacando a importância de realizar atividade física diária, ou no mínimo 3 vezes por semana, de forma moderada e com no mínimo 30 minutos de duração.

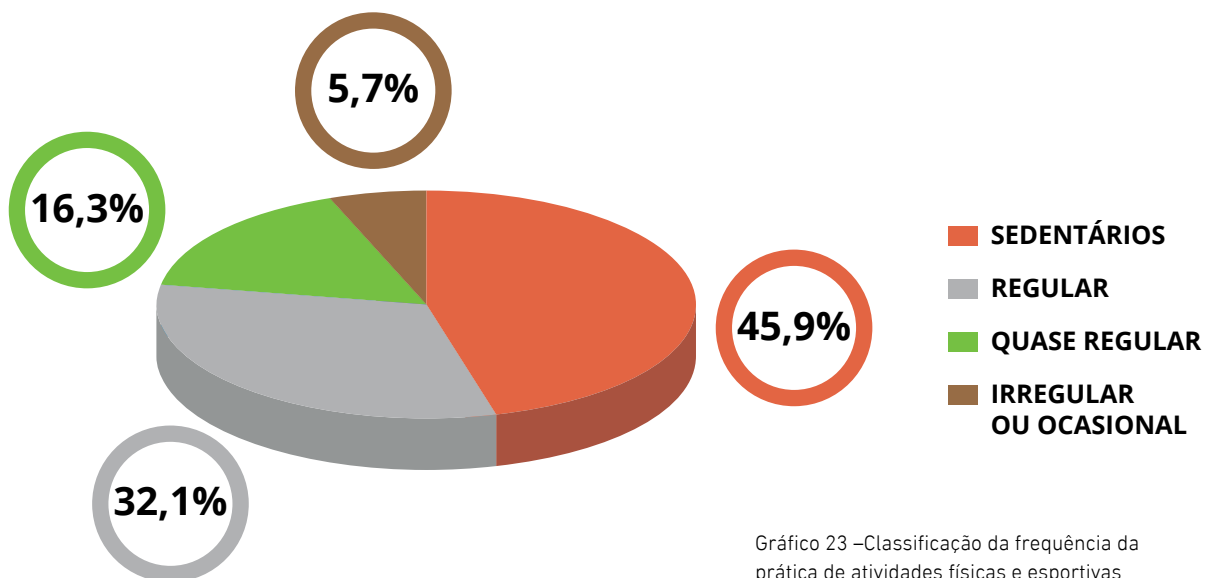


Assim, o COMPASS, adotou a seguinte classificação, com base no estudo citado, e que foi aplicada ao DIESPORTE:

- a) **Praticante Regular (3 ou mais vezes por semana), conforme as indicações da OMS;**
- b) **Praticante Quase Regular (1 ou 2 vezes por semana);**
- c) **Praticante Irregular ou Ocasional (menos de 1 vez por semana); e**
- d) **Sedentário (nenhuma atividade praticada).**

A partir desta classificação, apresentamos os resultados da frequência das práticas de atividades físicas e esportivas do brasileiro no ano de 2013.

Segundo o levantamento DIESPORTE, no **Gráfico 23** encontramos: *Praticante regular* (32,1%), cerca de 47.110.000 dos brasileiros; *Praticante quase regular* (16,3%); *Praticante irregular ou ocasional* (5,7%); e *Sedentários*, (45,9%), cerca de 67.343.000 dos brasileiros.



Assim, comparando com a pesquisa VIGITEL realizada nas capitais do Brasil, com o objetivo de acompanhar mudanças nas recomendações internacionais do indicador de prática de atividade física suficiente no tempo livre (WHO, 2010), considerou-se como nível recomendado de atividade física no tempo livre a prática de, pelo menos, 150 minutos semanais de atividade física de intensidade leve ou moderada ou de, pelo menos, 75 minutos semanais de atividade física de intensidade vigorosa.

A frequência de adultos classificados na condição de inatividade física variou entre 11,4% em Florianópolis e 18,5% em Recife. Entre homens, as maiores frequências de inatividade física foram observadas em Recife (21,5%), Maceió (18,4%) e Natal (18,1%); e as menores em Florianópolis (9,5%), Manaus (10,9%) e Goiânia (11,4%). Entre mulheres, as maiores frequências foram observadas em Natal (18,3%), Teresina e Maceió (17,9%) e Rio de Janeiro (17,2%); e as menores em Palmas (9,9%), no Distrito Federal e em Porto Velho (12,3%) e em Boa Vista (12,6%) – VIGITEL (2012, p. 75).

Assim disposto, observa-se que o quadro apresentado pelo DIESPORTE-COMPASS 2013 situa-se no intervalo de variações do VIGITEL no concernente à classificação de regular, isto é, 32,5% do DIESPORTE está entre 7,9% e 43,1% do VIGITEL. Contudo, a variação do VIGITEL para sedentários (11,4% – 18,5%) está bem distante do valor do DIESPORTE para esta classificação (45,9%). A explicação, no caso, incide no fato de que a amostragem do VIGITEL é essencialmente urbana (capitais dos Estados), e captando informações de atividades físicas em deslocamento para o trabalho, gerando dados não comparáveis e mais otimistas – população mais ativa – do que do DIESPORTE, que teve uma amostragem mais abrangente e não captou informações de atividades físicas em deslocamento para o trabalho, somente no tempo livre.

Outra comparação pode ser feita com os dados do Atlas do Esporte no Brasil de 2005 (p. 825-838), em que se seguiu o modelo do COMPASS e a partir do qual se assumiu para os sedentários o valor de 23% obtidos do VIGITEL à época. Esse resultado indica que houve melhoria da população das capitais estaduais entre 2005 e 2012, porém, existe ainda um hiato importante na comparação dos 45,9%, ora levado em consideração pelo DIESPORTE. Em conclusão, os dados do levantamento DIESPORTE 2013 constituem a escolha do presente diagnóstico tanto pela maior validade da amostra em termos nacionais como pelo fato de o índice de 45,9% estar mais próximo ao valor médio internacional adotado pela OMS, anteriormente citado.

A recomendação da OMS indica que a atividade física deve ser realizada pelo menos três vezes por semana, com duração mínima de trinta minutos. Neste sentido, há necessidade de se conhecer o tempo médio de práticas realizado no ano de 2013.

Qual é o tempo médio que você costuma utilizar na prática de esportes?

Qual é o tempo médio que você costuma utilizar na prática de atividades físicas?

Os resultados revelam que apenas 1,5% dos brasileiros, ao praticarem esportes e/ou atividades físicas, o fazem com menos de 30 minutos. Portanto, podemos considerar válido classificar como regular as práticas de 98,5% dos brasileiros que declararam que praticam esportes e atividades físicas, tendo em vista que o fazem acima de 30 minutos, isto é 32,1% da população do país.



Utilizando-se a soma das classificações da frequência recomendada pela OMS, os que são os regulares – como acentuado anteriormente – somam mais de 47 milhões de brasileiros (32,1%); com os quase regulares que representam 16,3%, chega-se a 71 milhões de brasileiros (48,4%) que praticaram esportes e atividade física no ano de 2013. Deste modo, pode-se afirmar que de cada dois brasileiros, um não praticou atividades físicas e esportivas no ano de 2013, segundo orientação da OMS. Isto porque não se pode considerar aqueles que foram classificados como irregular ou ocasional, que representam 5,7%, como praticantes, pelo pouco tempo de frequências de suas práticas, somando-se assim aos sedentário, que são 45,9%.

Uma eventual proposta de política pública sobre o esporte no Brasil poderia atentar para o aumento das práticas de atividades físicas e esportivas, tendo como meta final o praticante regular, pelas consequências positivas em associar prevenção de doenças ligadas à falta de atividades, bem como dos aspectos sociais de estar compartilhando espaços e práticas coletivas. Respeitando que a escolha das modalidades para passar de um estágio de sedentarismo para um ser ativo é individual, assim, outra tarefa possível seria subir o nível de ofertas para a prática, garantindo a todos a oportunidade de serem praticantes de atividades físicas. Isso significa interpretar o sedentarismo da população como tema prioritário.

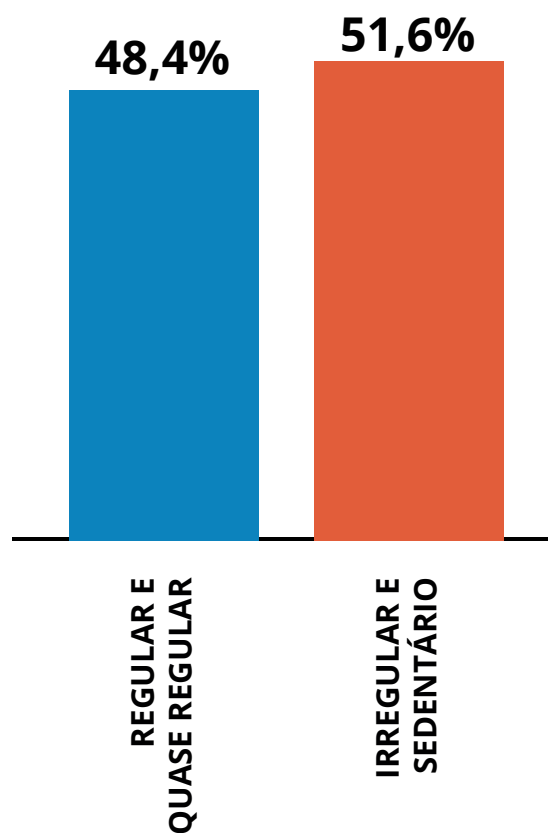


Gráfico 24 – Frequência média utilizada na prática

Essa visão foi adotada pelo *Sport England (2002)*, que definiu o *Sports Equity Index (índice de equidade para participação no esporte)* como indicador para comparar diferentes áreas territoriais em diferentes momentos temporais e diferentes grupos de cidadãos (por gênero, faixa etária, etnia, escolaridade etc.).

FREQUÊNCIA	REGIÕES					
	Norte	Sul	Sudeste	Nordeste	Centro-Oeste	Brasil
Regular	39,4	32,6	27,5	37,7	30,0	32,1
Quase Regular	16,3	22,7	13,4	17,3	16,9	16,3
Acumulada	55,7	55,3	40,9	55,0	46,9	48,4
Irregular	7,0	5,5	4,7	6,5	8,0	5,7
Sedentário	37,4	39,3	54,4	38,5	45,1	45,9
Total	100	100	100	100	100	100

Tabela 20 – Distribuição da variável frequência da prática de atividades entre regiões (%)

Para analisar as diferenças entre gênero e idade, é preferível calcular o percentual entre os praticantes de esportes e atividades físicas excluindo os sedentários, pois o cálculo sobre o total da população pode confundir os resultados. Na **Tabela 21**, podemos observar esse fato quando encontramos nos homens um percentual de sedentários mais baixo do que nas mulheres. Nos percentuais das outras classificações, os resultados são mais significativos para os homens no que tange ao sedentarismo.

As mulheres são 50,4% da população sedentária



GÊNERO E FREQUÊNCIA	TODA A POPULAÇÃO		PRATICANTE DE ESPORTES + PRATICANTE DE ATIVIDADES FÍSICAS	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Regular	34	30,3	57,8	61,1
Quase Regular	18,1	14,5	30,9	29,2
Irregular	6,6	4,8	11,3	9,7
Sedentários	41,2	50,4	-	-
Total	100	100	100	100

Tabela 21 – Distribuição da variável frequência da prática de atividades entre gênero (%)

No caso de calcularmos os percentuais sobre os não sedentários, os resultados mostram que as mulheres praticam menos que os homens, mas, quando são envolvidas nas atividades, são mais empenhadas. No Brasil, a massificação dos cuidados com o corpo pelas mulheres tem crescido muito – portanto, esta pode ser uma das causas da consciência de permanência nas atividades físicas.

Na análise por idade que podemos observar na **Tabela 22**, é significativo observar que os idosos que praticam atividades físicas garantem um nível de prática regular ou quase regular.

FREQUÊNCIA	FAIXA ETÁRIA						
	15-19	20-24	25-34	35-44	45-54	55-64	65-74
Regular	68,2	63,3	60,5	56,8	57,4	55,5	53,5
Quase Regular	28,5	27,3	28,0	32,1	31,1	34,3	35,9
Irregular	8,7	9,4	11,5	11,1	11,5	10,2	10,6
Total	100	100	100	100	100	100	100

Tabela 22 – Distribuição da variável frequência da prática de atividades por faixa etária (%) – só praticante de esportes ou praticante de atividades físicas

3.6) POLÍTICAS ESPORTIVAS: ATITUDES E PARTICIPAÇÃO

A pesquisa também buscou informações sobre as atitudes e opiniões, estruturas, políticas de esporte, participação, organização e gestão das atividades esportivas, que a seguir colocam-se em pauta. Significa interpretar o sedentarismo da população como tema prioritário.

Em sua opinião, qual deve ser a prioridade dos governos municipal, estadual e federal no investimento em atividades físicas e esportivas em sua região de moradia?

Com esse propósito, construiu-se o **Gráfico 25**, no qual a opção em investimentos de “esporte para todos” foi significativa, apresentando um percentual de 76,4%, seguida de “investir em outras prioridades” (14,1%). As outras prioridades mais indicadas foram “saúde” e “educação”. Apenas 9,5% indicou “priorizar a formação dos atletas do alto nível ou profissional em geral”.

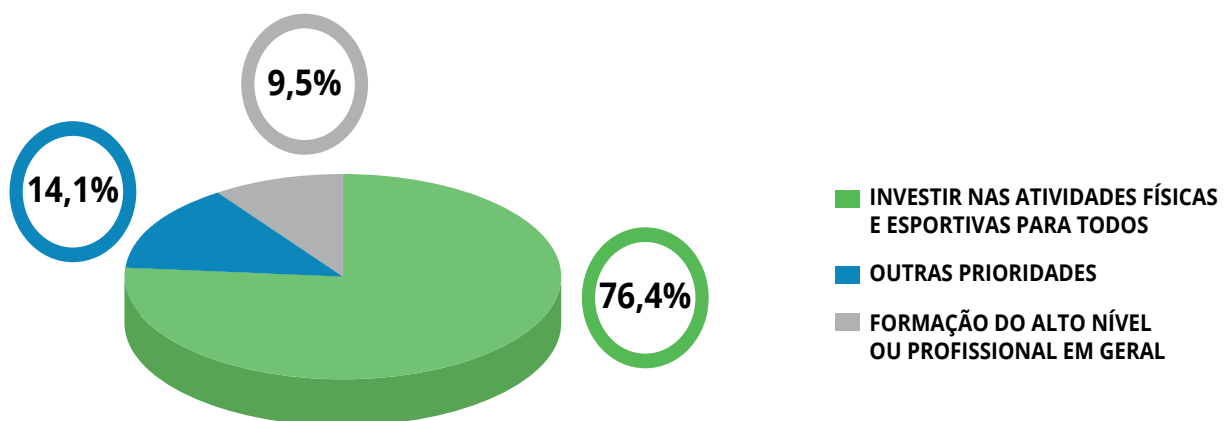


Gráfico 25 – Prioridade nos investimentos governamentais

RELIGIÃO E OPÇÃO	REGIÕES					
	Norte	Sul	Sudeste	Nordeste	Centro-Oeste	Brasil
Formação de atletas de alto nível	11,7	9,3	4,6	15,6	14,2	9,5
Esporte para todos	68,6	72,9	82,0	72,5	72,9	76,4
Outras	19,7	17,7	13,4	11,9	13,0	14,1
Total	100	100	100	100	100	100

Tabela 23 – Distribuição da opinião sobre investimentos em atividades físicas e esportivas entre

Não há diferenças significativas entre homens e mulheres, mas encontramos algumas diferenças presentes nas faixas de idade: entre os mais jovens a opção do “alto nível” foi de 12% e vai diminuindo na proporção que se aumenta a idade, chegando a 4%. A opção pelo “esporte para todos” foi uniformemente a mais alta. O maior percentual foi encontrado na região Sudeste, o que nos chama atenção pelo grande envolvimento desta região com a realização de Copa do Mundo de Futebol e Jogos Olímpicos. Observamos também que é na mesma região Sudeste que encontramos o mais baixo nível percentual de investimentos na formação de atletas.

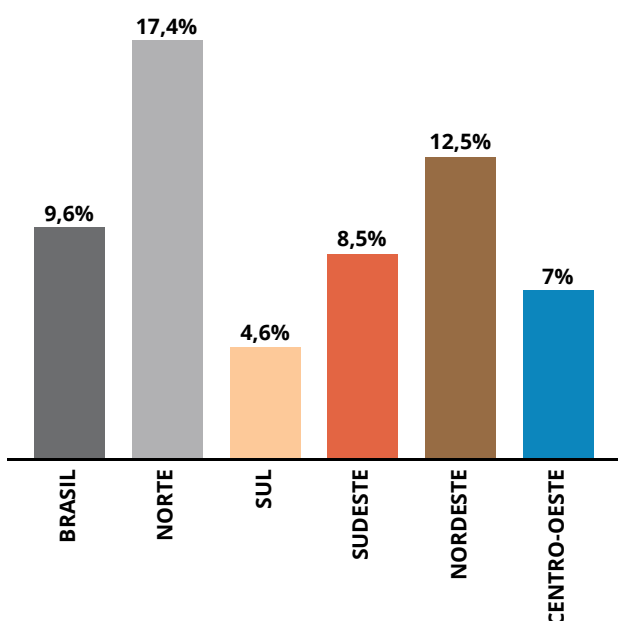


Gráfico 26 – Realização de trabalho voluntário

Só uma minoria dos brasileiros fez um trabalho voluntário para incentivar outras pessoas a praticar esportes ou atividades físicas (9,6%). A maior participação ocorreu no Norte (17,4%) e no Nordeste (12,5%) – o Sudeste apresentou 8,5%; o Centro-Oeste, 7,0%; e Sul, 4,6% colocam-se em níveis muito mais baixos.

Observamos que 9,6% dos brasileiros responderam que já realizaram algum trabalho voluntário para incentivar outras pessoas a praticarem esportes ou atividades físicas. A maior participação ocorreu na região Norte (17,4%); as demais regiões apresentam índices menores: Nordeste (12,5%); Sudeste (8,5%); Centro-Oeste (7,0%); e Sul (4,6%).

Percebe-se interesse igualitário no voluntariado tanto nas mulheres (9,0%) quanto nos homens (10,1%), mas não se encontra grande participação entre os mais idosos. Entre os praticantes de esportes, essa cota sobe para 18%, mas há também voluntários entre os sedentários (3,4%).



3.6. Participação dos brasileiros em eventos esportivos

Ainda na caracterização do perfil esportivo dos brasileiros, encontramos que 14,3% costumam ir a eventos de esportes pagos; e um total de 68,9% declarou que costumam assistir ou ouvir em casa jogos ou programas de esportes, tendo como prioridade o Futebol.

Os baixos índices de participação nos locais de eventos esportivos no Brasil podem ser entendidos pelos altos custos dos ingressos e os baixos salários do trabalhador brasileiro. formação de atletas.

3.7) DETERMINANTES DA PRÁTICA

Após a análise, descrição e discussão dos resultados do questionário, foi importante avaliar se algumas variáveis estruturais influenciaram ou não os níveis da prática; estas foram definidas como as determinantes da prática, implicando em considerações referentes à região de moradia, gênero e idade.

Foi possível ainda estabelecer relações com o nível de educação (medido pela escolaridade), a etnia (cor da pele), a ocupação profissional e a renda total da família dos entrevistados, essas variáveis foram consideradas independentes, pois não fizeram parte do estrato da amostragem. Para essas análises, os dados amostrais foram processados sem ponderação (sem realizar análise com a população). Assim, se os resultados fossem apresentados partindo de outros estratos que não esses, apresentariam erros de estimativas.

Nesses termos, faz-se necessário um método estatístico que nos permita ter em consideração simultaneamente as determinantes (estratos independentes como etnia, escolaridade etc.) para analisar comparações de cada uma delas sobre a variável dependente. Esse modelo é denominado regressão logística binária. Como variável dependente consideramos uma variável binária (com valores "1" pela "presença" da característica e "0" pela ausência da mesma característica); as determinantes também são variáveis qualitativas.

O modelo foi aplicado três vezes, tendo como variável dependente: "ser sedentário"; "ter praticado pelo menos uma vez por semana" (fator condicional do *SportEquityIndex*); "ter praticado pelo menos três vezes por semana" (fator condicional da WHO/HEPA, *Health EnhancingPhysicalActivity*).



O modelo aqui aplicado determinou o coeficiente 1,000 a uma categoria (exemplo: Região = Centro-Oeste, Gênero = feminino) que é tomada como referência para variável independente. Para as demais categorias, determinou-se um coeficiente maior ou menor em relação ao diferente nível de influência da categoria sobre a variável dependente.

Por exemplo, no caso dos sedentários sendo analisado pela região, a modalidade de referência é Centro-Oeste. Esta tem um coeficiente de 1,000, assim, verificamos que com relação ao Centro-Oeste; a Região Sudeste tem 1,227, o que significa que para cada 1.000 (mil) sedentários no Centro-Oeste, podemos encontrar 1.227 sedentários no Sudeste. Ao contrário, o Nordeste em relação ao Centro-Oeste tem 0,711; o Norte tem 0,709; e o Sul 0,592 – o que significa que a cada 1.000 sedentários no Centro-Oeste, encontramos 711 no Nordeste, 709 no Norte e 592 no Sul. Trata-se, então, de resultado parecido com os anteriores sobre a prática, desde que as pequenas diferenças dependam das interrelações com outras variáveis.

A segunda variável discriminante analisada foi o gênero, que aqui teve como referência 1,000 o gênero feminino. Assim, encontramos que para cada 1.000 indivíduos sedentários (mulheres), temos 644 homens sedentários.

Pela idade, a categoria de referência 1,000 foi a classificação etária entre 65-74 anos. Portanto, para cada 1.000 sedentários entre os idosos, temos 727 dos 55-64 anos; 635 dos 45-54 anos; 553 dos 35-44 anos; 464 dos 25-34 anos; 443 dos 20-24 anos; e 333 nos mais jovens de 15-19 anos .



A escolaridade também tem um papel discriminante neste modelo, pois quanto mais baixo é o nível escolar, mais sedentário é o cidadão: a classificação de referência 1.000 foi o Ensino Superior ou Universitário. De cada 1.000 sedentários nessa condição, temos 1.527 no Ensino Médio; 1.928 no Ensino Fundamental II (do 6º ao 9º ano); e 3.276 no Ensino Fundamental I (do 1º ao 5º ano, alfabetizados e não alfabetizados), uma vez que o modelo é global, sendo esse resultado um padrão encontrado nas diferentes classes de idade.

IDADE	SEDENTARISMO
65-74 anos	1000
55-64 anos	727
45-54 anos	635
35-44 anos	553
25-34 anos	464
20-24 anos	443
15-19 anos	333

Tabela 24 – Relação faixa etária X Sedentarismo (para cada 1.000 sedentários)

ESCOLARIDADE	SEDENTARISMO
Ensino Superior ou Universitário	1000
Ensino Médio	1527
Ensino Fundamental II do 6º ao 9º ano	1928
Ensino Fundamental I (do 1º ao 5º ano, alfabetizados e não alfabetizados)	3276

Tabela 25 – Sedentarismo X Escolaridade

Para a variável relativa à situação de trabalho, a classificação de referência 1.000 foi ser estudante. A menor taxa de sedentários está entre os jovens, todas outras classificações têm coeficientes mais altos: para cada 1.000 sedentários entre os estudantes, temos 1.420 entre os empregados; 1.530 entre os desempregados; 1.371 entre as donas de casa; e 1.414 entre os aposentados.

SITUAÇÃO DE TRABALHO	SEDENTARISMO
Estudantes	1000
Empregados	1420
Desempregados	1530
Donas de Casa	1371
Aposentados	1414

Tabela 26 – Relação Sedentarismo X Situação de Trabalho

No que se refere à cor da pele, a variável utilizada como indicador de pertinência étnica, não se encontra uma relação significativa com o sedentarismo, a única relação significativa é aquela que mostra que entre os cidadãos que se autodeterminaram de cor *parda*, encontram-se 729 sedentários; e entre os que se autodeterminaram de cor *negra* (classificação de referência), encontramos 1.000 sedentários.

A segunda análise foi construída considerando a variável dicotômica transmitida pelo *Sport Equity Index*, isto é: a prática de qualquer atividade pelo menos uma vez por semana. Não se trata, contudo, de uma informação complementar ao modelo anterior, pois não são considerados os cidadãos com prática irregular.

Apesar dessa diferença, as relações são sempre inversas; podemos ver na síntese na **Tabela 27** que apresenta os coeficientes dos três modelos: sedentários x não sedentários; praticante quase regular x praticante irregular ou não praticante; praticante regular x praticante não regular. Este último modelo foi construído tendo como referência somente os praticantes.



MODELOS E VARIÁVEIS INDEPENDENTES	SEDENTÁRIOS	Sport Equity Index (prática 1 vez por semana)	Prática regular HEPA (só praticantes)
REGIÃO			
Norte	709	1286	1414
Sul	592	1654	n.s. ⁹
Sudeste	1227	819	1359
Nordeste	711	1284	1370
Centro-Oeste	1000	1000	1000
GÊNERO			
Masculino	644	1355	n.s.
Feminino	1000	1000	1000
IDADE			
15-19 anos	333	2440	n.s.
20-24 anos	443	1690	n.s.
25-34 anos	464	1455	n.s.
35-44 anos	553	1280	n.s.
45-54 anos	635	1122	n.s.
55-64 anos	727	1071	n.s.
65-74 anos	1000	1000	1000
ESCOLARIDADE			
Até 5º Fundamental	3276	273	721
6º-9º Fundamental	1928	489	764
Ensino Médio	1527	588	n.s.
Ensino Superior e Universitário	1000	1000	1000
OCUPAÇÃO			
Empregado	1420	648	n.s.
Desempregado	1530	607	n.s.
Dona de casa	1371	731	n.s.
Aposentado	1414	633	n.s.
Estudante	1000	1000	1000
COR DA PELE			
Branca	n.s.	n.s.	n.s.
Amarela	n.s.	n.s.	n.s.
Parda	729	1222	n.s.
Negra	1000	1000	1000

Tabela 27 – Coeficientes de regressão logística binomial pelas modalidades das variáveis independentes (as dependentes são a síntese dos modelos)

⁹ Obs.: **n.s.** indica que o coeficiente não é estatisticamente diferente de 1000 (a modalidade de referência não influencia o resultado da variável dependente).

4) ALGUMAS CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

A adoção do padrão internacional COMPASS na elaboração da pesquisa DIESPORTE 2014 implicou na identificação de características quantitativas e qualitativas referentes aos praticantes e não praticantes de esportes e atividades físicas via amostragem da população brasileira (n= 8902; idades entre 15 e 74 anos), coletada nas 27 Unidades da Federação. Tais caracterizações incidiram nas possibilidades circunstanciais de práticas como tempo livre disponível, tipologia das atividades, escolhas de lazer ou competição, localização, equipamentos e outros condicionantes.

As opções de esportes separados de atividades físicas tipificam o padrão COMPASS – e seus métodos subsequentes como o EUROBAROMETER –, uma vez que essa metodologia de coleta de dados põe seu foco central no praticante de ambos os gêneros e que assume todas as formas de atividades físicas “constituindo relações sociais ou a obtenção de resultados em competições de todos os níveis”, conforme a definição originalmente estabelecida pelos países da União Europeia. No entanto, constituindo-se um padrão de organização de dados, torna-se possível acompanhar mudanças ao longo do tempo, concernentes aos esportes e atividades físicas, um procedimento não alcançado até os dias presentes pela administração pública brasileira, em que pese as quatro décadas de produção de diagnósticos setoriais e nacionais do setor no país.

Nesses termos, importa concluir que o DIESPORTE representa uma etapa fundamental para o desenvolvimento tanto dos esportes como das atividades físicas em geral no Brasil, diante de possíveis intervenções a serem feitas pelos distintos níveis de governo do país como pelo setor privado. Tal perspectiva é reforçada ao se ter em conta que os esportes e as atividades físicas constituem um setor de grandes empenhos econômicos no Brasil – cerca de 2% do Produto Interno Bruto da Nação, segundo a variável financiamento do DIESPORTE –, ainda carente de acompanhamento por ausência de dados confiáveis ordenados por continuidade de levantamentos periódicos.

4.1. Praticantes como foco central da pesquisa

Estabelecida a base objetiva de dados padronizados pelo DIESPORTE, coube centralizá-la no praticante e nas condições da metodologia do COMPASS, outra carência do setor esportivo e de atividades físicas no país, tradicionalmente fragmentado por concepções distintas entre práticas, interesses grupais, demandas de patrocínio, tendências ideológicas e políticas, bem como setores diversos da Administração Pública (DACOSTA, 2014). Ademais, tendo como ponto de partida o próprio praticante, a primeira abordagem do questionário aplicado pelo DIESPORTE em 2014 validado pela citada amostra da população brasileira, consistiu em se verificar como os respondentes interpretavam suas práticas. Os resultados conclusivamente mostraram que os praticantes em escala nacional não discernem tanto o esporte como as atividades físicas por suas funções – sociais, culturais, econômicas etc. – no sentido exemplificado pelo COMPASS, mas, sobretudo, por representações físicas vindas do esporte em si mesmo e, em grau menor, por um viés de melhoria da saúde.

4.2. Praticantes de esportes e atividades físicas

A pesquisa revelou que o praticante brasileiro usa as imagens do futebol (53%) e outras modalidades esportivas (14%) como representativas de suas práticas, ao passo que 33% sobrepõem as imagens de academia, exercício físico, ginástica etc. às atividades físicas adotadas; neste contexto, 10,7% do total dos respondentes nos dois grupos relacionam suas atividades à melhoria das condições de saúde. Importa relevar que não foram detectadas na pesquisa diferenças dignas de atenção entre gêneros no quadro interpretativo do imaginário dos respondentes.

Outros temas abordados pelo levantamento DIESPORTE 2014 permitiram classificar e quantificar os praticantes na já citada faixa etária 15-74 anos adotada pelo padrão COMPASS e com um total estimado em 146.748.000 cidadãos (parcela da população do país na faixa etária da pesquisa). Nesse grupo, contabilizaram-se 25,6% de praticantes de esporte (37.584.000 indivíduos); 28,5% de praticantes de atividades físicas (41.821.000 indivíduos); e 45,9% de sedentários (67.343.000 indivíduos), valores próximos a Portugal, Espanha e Itália na atualidade, segundo o EUROBAROMETER 2013.

Comparando-se, entretanto, esses resultados com os obtidos pelo sistema VIGITEL do Ministério da Saúde para o Brasil, os números de praticantes ativos mostram-se maiores, enquanto os relativos aos sedentários revelam-se menores. Portanto, há que se levar em conta a diferença de metodologias, uma vez que o VIGITEL opera com amostragem das populações das capitais dos Estados, leva em consideração as atividades de deslocamento para o trabalho ou esforços realizados no trabalho, além de usar consultas telefônicas aos respondentes, pressupondo menor fidedignidade do que o DIESPORTE-COMPASS, que adotou contatos face a face. De qualquer modo, o quantitativo de 79 milhões contabilizado pelo DIESPORTE para a população fisicamente ativa brasileira encontra coerências com comparações internacionais que usaram o padrão COMPASS. Esse fato também conclusivamente sugere que o setor esportes-atividades físicas é um dos mais importantes do Brasil segundo o critério de tipo de atividade sociocultural, dado que representava em 2014 cerca de 38% da população total – incluindo todas as faixas etárias – do país.

Verificou-se, assim, que os brasileiros que praticam esportes estão percentualmente, mais localizados na região Nordeste e Norte; são jovens na sua maioria; e vão abandonando a prática esportiva com o aumento da idade, em razão da falta de tempo (entrada no mercado de trabalho, responsabilidade familiar, estudos). Observa-se também um maior número de praticantes entre os mais escolarizados. Os homens concentram suas práticas esportivas no Futebol, seguido, com pouca citação, de Caminhada, Voleibol e Natação. Entre as mulheres, por sua vez, as práticas estão mais divididas, sendo o Futebol seguido do Voleibol, Caminhada e as Atividades de Academia. Essa prática esportiva é na sua maioria sem filiação às instituições (clubes, federações, associações), sem fins de participações em competições e sem orientação de profissionais.

4.3. Caracterizando sedentários e praticantes

Certamente, o alvo maior das políticas governamentais de desenvolvimento incide nos sedentários, em princípio por razões de saúde pública. Essa atenção prioritária enfatiza o acompanhamento desse grupo vulnerável por gênero e por região, em perspectiva nacional. Nessa linha de conta, o DIESPORTE apontou as mulheres (50,4%) como mais sedentárias do que os homens (41,2%), sendo elas (34,0%), entretanto, mais ativas do que os homens (22,5%) em atividades físicas, invertendo a posição em esportes nos quais as mulheres (15,8%) somam menos do que os homens (35,9%). Em termos de regiões, o Sudeste apresenta o índice mais elevado de sedentarismo (54,4%), com Norte e Nordeste registrando 37,4% e 38,5%, respectivamente. Em consonância com esses resultados, o Sudeste apresenta os menores índices de praticantes de esportes (18,4%) e de atividades físicas (27%), ao passo que o Norte e o Nordeste marcaram cerca de 32% em esportes e 29% em atividades físicas. Por sua vez, as regiões Sul e Centro-Oeste exibem valores intermediários entre Sudeste e Norte-Nordeste.

Tal cenário de resultados sugere finalmente que a renda mais elevada e o grau de urbanização maior, típicos do Sudeste brasileiro, não correspondem a maiores vantagens para os praticantes tanto de esportes como de atividades físicas. Esses optantes, por seu turno, devem estar encontrando dificuldades na localização de suas práticas, já que apenas 26,6% do total de respondentes consultados em todo o país encontram locais adequados, bem como problemas de mobilidades, transportes nesses grandes centros urbanos. Essas evidências implicam em se admitir que o acesso a locais de práticas no Brasil está sendo limitado por dificuldades de circulação em regiões mais favorecidas economicamente, assim como mais propícias a adaptações locais, como ocorre no Norte e no Nordeste do país. Nesse sentido, não se comprovou pelo levantamento do DIESPORTE que o fator gênero dos praticantes seja impeditivo para as práticas.

Todavia, na caracterização dos praticantes pela pesquisa de 2014, examinou-se também o fator idade, constatando-se adesão maior dos jovens aos esportes com decréscimo acompanhando o aumento de idade. Essa diminuição da prática esportiva com o avançar da idade é compensada pelo aumento da prática de atividades físicas, que cresce até a faixa etária de 55-64 anos. Isto posto, considera-se que o fator idade não é um condicionante das práticas, pois suas variações seguem a lógica natural das alterações etárias não sujeita a influências externas em sua essência.

4.4. Escolhas de esportes por praticantes

Em adição a tais caracterizações, o DIESPORTE coletou informações sobre possibilidades de manejo por parte dos praticantes visando à melhoria ou não de suas práticas. E então foram identificadas as modalidades de preferência dos praticantes, os quais indicaram em primeira posição o Futebol que, adicionado ao Futsal (4,1%), alcançou 55,7% de todas as escolhas. Esse resultado reforça a interpretação comum e tradicional do Futebol como esporte e atividade física dominante no país, incluindo práticas, imaginário e influências midiáticas.

Entretanto, as demais e distintas preferências em conjunto sugerem que a cultura esportiva no Brasil tem bases múltiplas, apontando para um consumo variado de esportes com possível superposição nas preferências.

Portanto, as circunstâncias de polivalência esportiva no Brasil apresentam o Voleibol como segunda opção (9,9%) e as Lutas (8,2%) como terceira (Judô, JiuJitsu, Capoeira etc.). As demais modalidades identificadas registram incidências entre 6% e 3%, tais como Natação, Corrida de Rua, Ciclismo, Handebol, Basquetebol, Skate, Surfe e outras. Esse quadro, contudo, assume significados diferenciados ao serem examinados pelos vieses de gênero, faixa etária e região. Por exemplo, o Futebol/Futsal – seguido pelo Voleibol – constitui a modalidade mais declarada como prática pelas mulheres, as quais também apresentam, tal como os homens, diversidade nas suas preferências esportivas. Nesse contexto de múltiplas escolhas, as modalidades Academia/ Musculação/Ginástica, Caminhada e Natação se caracterizam como esportes predominantemente femininos.



Em termos de regiões, nas delimitações Sul e Norte, de cada três indivíduos que praticam esportes, dois praticam Futebol, implicando assim numa menor diversificação de modalidades. Nas regiões Sudeste e Nordeste, o Futebol é praticado por pouco mais de 50% dos praticante de esportes, cifra próxima do percentual do Centro-Oeste, que alcança 47,7%. Com relação às outras modalidades esportivas, encontramos o Voleibol em segundo lugar no Norte, no Sul e no Centro-Oeste, enquanto as atividades individuais de Academia têm um peso maior no Sudeste e no Nordeste. Cogitando-se a idade, o Futebol é preferido pelos adolescentes (65,6%) e pelos jovens (59,8%) até 24 anos; em ambos os casos, a preferência maior vai diminuindo com o aumento da idade, registrando apenas 26,2% nos idosos (65-74 anos). Por sua vez, as atividades de Academia aumentam seus percentuais de prática com o aumento da idade, tornando-se a segunda opção mais praticada entre idosos.

Como conclusão, em se tratando de opções de modalidades de esportes, as variações de gênero, região de moradia e faixa etária dos praticantes são todas influentes para a formatação de intervenções governamentais ou de decisões do setor privado, criando distinções diante das escolhas preliminares de esporte ou de atividades físicas. A consequência previsível dessa constatação é a da necessidade explícita de reconhecimento da localização, como também da verificação das composições de gênero e de faixas etárias do grupo alvo objeto da intervenção. Em termos mais precisos, a realização de pesquisas locais de forma antecipada às intervenções é cabível se os meios de desenvolvimento forem modalidades esportivas. Em resumo, o foco posto nas alternativas esportes-atividades físicas sugere haver referências às motivações e inclinações pessoais dos praticantes, ao passo que a escolha de modalidades aparentam estar ligadas às tradições esportivas locais, como outrossim às condições de acessibilidade dessas ofertas.

4.5. Organização e competições dos esportes

Outra abordagem de meios acessórios das práticas esportivas a ter em conta na pesquisa do DIESPORTE foi a da realização de competições cuja verificação indicou que 89,6% dos brasileiros não participam de competições organizadas em relação às suas modalidades esportivas de preferência. Ademais, apenas 5% dos respondentes restantes declararam envolvimento com competições não oficiais, isto é, não relacionadas a eventos de federações, ligas ou confederações sujeitas a reconhecimentos legais. Portanto, apenas o resíduo de 5,5% quantificados pela consulta do DIESPORTE pode ser considerado como agregado de opções de esporte organizado e legalizado. Em suma, esses resultados tornam inequívoca a interpretação de que a prática esportiva no país é predominantemente ligada ao lazer, sendo a competição um fator secundário ou mesmo inexistente.

Adicionalmente às constatações da mínima institucionalização dos esportes no Brasil, verificou-se que o resíduo organizacional apresentou maior adesão de jovens até 25 anos, a julgar pelo perfil dos respondentes neste tema. Em coerência com esse resultado, ressaltou-se que, de cada quatro brasileiros, três (76,0%) começaram a praticar esporte por volta dos 14 anos, sendo 6,8% destes últimos aos 5 anos de idade. A maioria desses praticantes fez iniciação na escola, e aqueles que começaram a praticar esportes na idade adulta tiveram suas práticas iniciadas nos espaços abertos. Essa informação remete à importância da escola como espaço de formação, iniciação e organização das práticas esportivas organizadas, embora não se tenha observado continuidade desses acessos em estágios posteriores.

4.6. Custos das práticas e autonomia dos praticantes

O tema de custos das práticas foi uma das abordagens da pesquisa DIESPORTE que pôs em evidência um total de 61,2% de respondentes que praticaram esportes de forma gratuita durante o ano de 2013; outros 29,1% pagaram um valor de até 100 reais e 9,7% pagaram mais que 100 reais por mês. Nesse particular, não se encontraram diferenças significativas entre homens e mulheres, nem entre regiões; entretanto, os mais jovens foram em sua maioria praticantes gratuitos na escola ou pagantes com inclusão na mensalidade escolar. Como não se atentou para gastos indiretos dos praticantes (roupas, calçados, deslocamentos para os locais de prática etc.), as presentes conclusões somente poderão se completar com a publicação do Relatório da Variável Financiamento do DIESPORTE, que contempla os gastos das famílias brasileiras com esportes e atividades físicas.

De qualquer modo, o estado do conhecimento internacional sobre o tema indica que é normal para os praticantes esportivos assumirem gastos, dando lugar a uma circunstância de autofinanciamento, como se verifica em Vanreusen, Taks&Renson (2002). A conclusão do interesse da pesquisa DIESPORTE reside, então, em se classificar os praticantes como basicamente autônomos, embora não tenha havido condições de se detectar melhor quais as origens e consequências de tal autonomia.

Entretanto, a prática já produz alguma inclusão, a julgar pelo exemplo da Caminhada – uma das escolhas preferenciais dos praticantes por ambos os gêneros e em todas as regiões – que se revela frequentemente desestruturada, não competitiva e não organizada, embora sua prática implique por vezes na reunião de pessoas de diferentes gêneros e faixas etárias. Importa relevar, portanto, que cerca de 80% dos idosos respondentes da pesquisa eram praticantes de Caminhadas.

Outra forma de se observar a autonomia dos praticantes acontece pelo exame de locais e instalações para os esportes e atividades físicas. As escolhas, no caso, incidem em espaços abertos sem instalações (57,3%) ou com instalações (21,5%), além das academias (12,3%). Os gastos com o uso desses espaços por parte dos praticantes atingiu um valor médio mensal de 100 reais em 16,8% dos entrevistados; um percentual menor que (5%) superou esta cifra que incluiu os usuários de Academias. Esses dados encontram coerência com o uso pagante e não pagante das declarações dos respondentes, como já antes assinalado, e também confirmam o atributo de autonomia dado aos praticantes tanto das opções de esportes como das atividades físicas.

4.7. Motivações dos praticantes e desmotivações dos sedentários

O cenário de motivações para a prática de atividades físicas no survey DIESPORTE reuniu “qualidade de vida e bem-estar” (44,1%), “melhoria no desempenho físico” (33,2%), “indicação médica” (11,1%), “relaxar no tempo livre” (6,6%), “melhorar a harmonia corporal” (3,2%), “relacionar com amigos” (1,4%) e “competir” (0,4%). Por sua vez, as desmotivações identificadas por parte dos sedentários incluiu “falta de tempo” (59,6%), “não ter acesso a instalações” (6,8%) e o “custo” (2,2%). Além de preguiça, desinteresse, desmotivação (12,3%) e não gostar esporte competitivo (4,8%).

Significativamente, uma parcela importante de sedentários (44,2%) declarou ter praticado pelo menos uma vez na vida um esporte, concluindo-se, portanto, tratar-se de dropout (desistente). Essa característica é muito diferenciada nas regiões: no Sul, o dropout mostra-se muito elevado (67,5%); no Nordeste, (55,0%); no Norte chega-se a (43,5%); no Sudeste, (35,3%); e no Centro-Oeste é todavia menor (33,7%). No geral, as influências positivas explicam o elevado número de brasileiros envolvidos com atividades físicas, enquanto as negativas representam confirmações de desistências anteriores de tentativas de práticas.

Em outras palavras, uma política pública voltada somente para a promoção de atividades físicas não se mostraria suficiente para uma redução importante nos índices de dropout, pois as condições externas a essa desistência não seriam alteradas. A conclusão pertinente volta-se, então, para o apoio à autonomia dos próprios praticantes nos locais de residência e convivência (ruas, praças, praias etc.), traduzido por intervenções de valorização dos praticantes, como nas ações recomendadas pela UNESCO por projetos de “esporte para qualquer pessoa” ou “esporte para todos”. Nesta conclusão preliminar, o fator dropout ocorre em qualquer situação de prática de esporte ou de atividades físicas, porém, sua abordagem concerne mais a intervenções no nível do próprio praticante do que nas instituições do setor esporte ou de atividades congêneres.

Uma confirmação deste último comentário conclusivo prende-se aos resultados da consulta DIESPORTE aos praticantes, na qual se buscou levantar opiniões sobre direcionamentos de investimentos em esportes e atividades físicas no país. Nessas circunstâncias, a opção “esporte para todos” somou 76,4%, seguindo-se “investir em outras prioridades” como saúde e educação (14,1%) e “priorizar a formação dos atletas do alto nível ou profissional em geral” (9,5%). Nesse contexto de respostas, não houve diferenças significativas entre homens e mulheres, mas encontraram-se distinções entre faixas de idade: entre os mais jovens a opção do “formação dos atletas” foi a mais alta (12%), diminuindo na proporção em que se aumentou a idade, chegando a 4%. A opção pelo “esporte para todos” foi uniformemente a mais alta.

4.8. Praticantes e Eventos Esportivos

A última abordagem da pesquisa DIESPORTE 2014 focalizou a participação dos brasileiros em eventos esportivos, com a evidência de que 14,3% costumam ir a eventos de esportes como espectadores pagantes, ao passo que um total de 68,9% declarou que costumam assistir ou ouvir em casa jogos ou programas de esportes, tendo como prioridade o Futebol.

Esses dados sugerem que o praticante brasileiro estabeleceu um comportamento autônomo no envolvimento com as práticas, tendo como um dos suportes para suas decisões a informação encontrada nas mídias de maior acessibilidade. Essa conclusão confirmaria, por outro lado, a explicação antecedente de que o imaginário do praticante estar conectado tanto com suas práticas de esporte como com suas opções de atividades físicas. Em suma, a cultura esportiva dos brasileiros revela-se em princípio midiática, aparentemente tornando-se inclusiva do ponto de vista social pela busca comprovada de melhor saúde e qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

AUSTRALIAN SPORT COMMISSION. *Participation in exercise, recreation and sport survey 2009*. Austrália: Standing Committee on Recreation and Sport, 2010.

CHALIP, L.; JOHNSON, A.; STARCHURA, L. *National Sports Policies*. Greenwood Press: London, 1996.

COUNCIL OF EUROPE. *European Sport Charter (revised 2001)*. Strasbourg, 1992.

DACOSTA, Lamartine Pereira. *Atlas do esporte no Brasil: Atlas do esporte, educação física e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil*. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

_____. *Diagnóstico de educação física/desportos no Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Fundação Nacional de Material Escolar, 1971.

_____. *Novas alternativas de organização do esporte no Brasil: avanços do terceiro setor e da militância esportiva*. Seminários Correr Bem. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=4FckXnYNWdc, acessado em 12 de janeiro de 2015.

EUROBAROMETER 2013. EUROBAROMETER. *Sport and physical activity report, TnsOpinion& Social*. European Commission, Brussels. 2014. Disponível em http://ec.europa.eu/public_opinion/index_en.htm. ACESSADO EM 12 DE JANEIRO DE 2015.

GRATTON, C. et al. International comparison of sports participation in European Countries. An update of the COMPASS project. *European Journal of Sporty & society*, volume 8, número 1, p. 99-116, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Base de informações do Censo Demográfico 2010: resultados do universo por setor censitário*. Centro de Documentação e Disseminação de Informações: Rio de Janeiro, 2011.

_____. *Perfil dos municípios brasileiros: esporte 2003*. Rio de Janeiro: IBGE, 2006.

_____. *Pesquisa do esporte 2003*. Rio de Janeiro: IBGE, 2006.

_____. *Inventário da infra-estrutura desportiva brasileira*. Brasília: Ministério do Esporte e Turismo/ Instituto Nacional de Desenvolvimento do Desporto, 2000.

IPSOS MARPLAN. *Dossiê esporte: um estudo sobre o esporte na vida do brasileiro*. São Paulo: Gráficos Burti Ltda, 2006.

IPSOS BUS-SESC ESPORTES. Sesc. São Paulo. 2013. Disponível em: <www.movebrasil.org.br>. Acesso em: 27 nov. 2014.

KASZNAR, I.K. *Análise técnica de estatísticas no esporte: perfil dos brasileiros ao praticarem lazer*. Rio de Janeiro: Menthor textual, 2010.

MATOS, M.G. et al. *Saúde e estilos de vida nos jovens portugueses*. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana, 2000.

MISTÉRIO DO ESPORTE. *Conferências Nacionais do Esporte 2004 - 2010*. Disponível em: <http://www2.esporte.gov.br/conferencianacional/default.jsp>. Acesso em: 12 maio 2014.

MOSCOVICI, S. Reflexions à propos de representationssportives. In: *Quelcorps: critique de lamodernité sportive*. Paris, Editions de laPassion, 1995.

MUSSINO, A. *Statistica e sport: non solo numeri*. Roma: Società Stampa Sportiva, 1997.

MUSSINO, A.; OLIVEIRA, A.F.S.; TAFFAREL, C.N.Z. Il Diagnóstico nacional do esporte e lazer: conoscere per governare um sistema sportivo. In: *Rivista Trimestral di Scienza dell'Amministrazione*. Roma, v. 1, p. 45-64, 2013.

OLIVEIRA, A.F.S. Diagnóstico esportivo no Brasil: desenvolvendo métodos e técnicas. Tese de Doutorado. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2013.

_____. *Gestão do conhecimento em diagnósticos esportivos no Brasil*. São Cristóvão - SE: UFS, 2012.

OLIVEIRA, A.F.S. et al. *Diagnosis in Brazil: indepthanalyses*. In: *FIEP Bulletin On-line*, v. 83, n. 1, p.358-361, 2013.

OLIVEIRA, A.F.S.; TAFFAREL, C.N.Z; BELEM, C.M. Infraestrutura esportiva: desenvolvimento de metodologias. In: *Revista Brasileira de Ciências do Esportes*. Florianópolis-SC. v.36, n.2, 617-635. abri/jun 2014.

PASTORE, J. *Desigualdade e mobilidade social no Brasil*. São Paulo: USP. 1979.

SANTOS, J.A.D. A interação estrutural entre a desigualdade de raça e de gênero no Brasil. In: *Revista brasileira de Ciências Sociais*, n.24, p. 37-60. Jun/2009.

SPECIAL EUROBAROMETER 334. *Sport and physicalactivityreport, TnsOpinion& Social*. EuropeanCommission, Brussels. 2010.

SPECIAL EUROBAROMETER 412. *Sport and physicalactivityreport, TnsOpinion& Social*. EuropeanCommission, Brussels. 2014.

SPORT EQUITY INDEX. *Participation in Sport in england: sportsequityindex*. London, 2002.

VANREUSEN, B.;TAKS, M.; RENSON, R. Belgium – Flanders: origins, *developmentandtrendsofsportfor all*. In:DACOSTA, L.P.;MIRAGAYA, A. (Eds). *WorldwideExperiencesandTrends in Sport for All*. Oxford: Meyer&Meyer Sport, p. 379-399, 2002.

VIGITEL BRASIL 2012.Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico /Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Vigilância de Doenças e Agravos não Transmissíveis e Promoção de Saúde. – Brasília : Ministério da Saúde, 2013.

WHO. WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Bulletin of the World Health Organization*; número 73: p. 135 e136. Geneva: WHO, 1995.

_____. *PreventingChronicDiseases a vital investment*. Geneva: WHO, 2005.

_____. WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Preventing Chronic Diseases a vital investment*. GENEVA, 2010.